UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FLÁVIA ISABEL DA SILVA GUIMARÃES

**AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO L2 POR FALANTES DE ESPANHOL:
UMA EXPERIÊNCIA COM O MODELO DE ONTOGENIA**

Versão corrigida

**Exemplar original disponível no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica (CAPH) da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)**

**São Paulo
2011**

FLÁVIA ISABEL DA SILVA GUIMARÃES

AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO L2 POR FALANTES DE ESPANHOL: UMA
EXPERIÊNCIA COM O MODELO DE ONTOGENIA

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade De São Paulo para obtenção do
título de mestre em Língua Portuguesa

Área de Concentração: Filologia e Língua
Portuguesa

Orientadora: Prof^ª. Dra. Rosane de Sá Amado,
de acordo com a versão corrigida.

Versão corrigida

Exemplar original disponível no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica (CAPH) da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

São Paulo
2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Guimarães, Flávia Isabel da Silva.

Aquisição do português como L2 por falantes de espanhol: uma experiência como modelo de ontogenia. / Flávia Isabel da Silva Guimarães: Orientadora Rosane de Sá Amado. – São Paulo: 2011. 130 p.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade De São Paulo para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa . Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

1. Língua Portuguesa. 2. Língua Espanhola. 3. Aquisição do Português como L2/LE por Falantes de Espanhol. 4. Fonologia. 5. Modelo de Ontogenia. 6. Interferência. 7. Desenvolvimento. 8. Vogais Médio-abertas do Português. 9. Vogais Nasais do Português. I. Título. II. Amado, Rosane de Sá, Orientadora.

CDD 469

Nome: GUIMARÃES, Flávia Isabel da Silva

Título: Aquisição do Português como L2 por falantes de Espanhol: uma experiência com o Modelo de Ontogenia

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Pronominais

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro*

Oswald de Andrade

A todos que se propõem realizar o difícil exercício de distanciar-se de sua própria língua e de sua própria cultura a fim de tentar compreendê-las, para assim, poder ensiná-las, ou melhor, compartilhá-las com falantes de outras línguas.

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Rosane de Sá Amado, pela confiança e incentivo para que eu desse início a esse estudo, pela compreensão e, especialmente, pela paciência nos momentos mais delicados.

À Profª Drª Neide Maia Gonzalez, pelas contribuições durante as aulas e pelas preciosas observações durante o exame de qualificação.

Ao Profº Dr. Waldemar Ferreira Netto, pela indispensável contribuição no processo de qualificação.

À Profª Raquel Santos e à Profª Maria Helena pelo auxílio, sugestões e indicações durante as aulas.

À Profª Drª Maria Elizabeth Leuba Salum, pela oportunidade de ingressar no Centro de Línguas e pelos ensinamentos durante os anos de monitoria.

A todos os companheiros do Centro de Línguas, pela amizade, apoio e troca de experiências. Especialmente, à Neide T. Takahashi, que, generosamente, muito me auxiliou no início de minha trajetória como professora de português para estrangeiros.

Aos alunos do curso de português para estrangeiros, que me levaram a (re)descobrir minha língua, em especial, aos que se dispuseram a participar desse estudo como informantes.

À minha família e amigos pelo incentivo e compreensão em meus momentos de ausência.

Ao meu pai, por ter sido o primeiro a acreditar em mim desde o momento em que decidi prestar o vestibular e por continuar me incentivando sempre.

À minha mãe, pelas orações e palavras de apoio durante os momentos mais difíceis dessa trajetória.

Ao meu marido, pelo apoio, compreensão e companheirismo desde a época da graduação.

A Deus, por iluminar o meu caminho e me dar forças para concluir esse trabalho e alcançar esse objetivo.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo verificar a eficácia do Modelo de Ontogenia (MAJOR, 1987), por meio da análise do processo de aquisição do português como segunda língua (L2) por falantes de espanhol no nível fonético-fonológico. Para tanto, reportamo-nos a pressupostos teóricos que antecedem o dito modelo: a Análise Contrastiva (LADO, 1957), o Modelo de Interlíngua (SELINKER, 1972) e a Hipótese da Marcação Diferencial (ECKMAN, 1987). O Modelo de Ontogenia descreve o processo da aquisição de L2 no nível fonético-fonológico dividindo-o em duas fases: *interferência*, quando o aprendiz passa a sofrer grande influência de sua L1, e *desenvolvimento*, quando o aprendiz pode passar por um processo semelhante ao da criança em fase de aquisição da L1. Nosso objeto de estudo foi o processo de aquisição das vogais médio-abertas e das vogais nasais do português, realizando uma análise comparativa entre o sistema fonético-fonológico do português e do espanhol, com enfoque no sistema vocálico. Nessa análise, incluímos o percurso histórico da origem das vogais e a questão da nasalidade em ambas as línguas. Embora este estudo seja centrado na observação da interferência da L1 na aquisição de L2, consideramos também, a interferência de fatores extralinguísticos (KRASHEN, 1982). Para elaboração do *corpus* foram realizadas duas gravações, com intervalo entre 8 a 18 meses, com quatro pós-graduandos da Universidade de São Paulo, denominados Informantes. A metodologia consistiu na aplicação de entrevista espontânea e leitura de palavras, frases e trecho de texto literário. Acreditamos que nosso trabalho possa contribuir para o desenvolvimento da área de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL) por agregar informações sobre as dificuldades dos aprendizes falantes de espanhol na aquisição do sistema vocálico.

Palavras-chave: aquisição do português como L2/LE por falantes de espanhol; fonologia; modelo de ontogenia; interferência; desenvolvimento; vogais médio-abertas do português; vogais nasais do português.

ABSTRACT

This study aims to examine the efficiency of The Ontogeny Model (Major, 1987) through analysis of the phonetic and phonological aspects of the acquisition of Portuguese as a second language (L2) by native speakers of Spanish. To do this, we relied on the following theoretical assumptions which preceded the model: Contrastive Analysis (Lado, 1957), Interlanguage Model (Selinker, 1972) and Differential Markedness Hypothesis (Eckman, 1987). The Ontogeny Model describes the process of L2 acquisition in the phonetic and phonological levels by dividing it in two stages: *interference*, when the learner has great influence of his/her first language (L1), and *development*, when the learner may pass through a process similar to the child acquiring L1. Our object of study is the acquisition process of Portuguese open-mid vowels and nasal vowels, establishing a comparative analysis between the phonetic and phonological systems of Portuguese and English, with focus on the vowel system. In this analysis, we include the historical progression of the vowel origins and the issue of nasality in both languages. Despite this study being centered in the observation of L1 interference in L2 acquisition, we also considered the influence of extra-linguistic factors (Krashen, 1982). To compose the *corpus*, two recordings were done, with an interval between 8 to 18 months, with four informers, postgraduate students at Universidade de São Paulo. The methodology consisted of spontaneous speech interview and the reading of words, sentences and a literary excerpt. We believe that our work can contribute to the development of the area of Portuguese to Speakers of Other Languages (PSOL) as it assembles information about the difficulties that speakers of Spanish have in the acquisition of the vowel system.

Keywords: acquisition of Portuguese as L2 by speakers of Spanish; phonology; The Ontogeny Model; interference; development; Portuguese open-mid vowels; Portuguese nasal vowels.

LISTA DE QUADROS

Quadro n.01: Quadro Fonético-fonológico do Português.....	43
Quadro n.02: Quadro Fonético-fonológico do Espanhol.....	43
Quadro n.03: Ordenamento na aquisição do sistema vocálico do Português.....	65
Quadro n.04: Estratégias de reparo preferencialmente aplicadas	66
Quadro n.05: Estratégia de reparo (Aquisição de L1).....	67
Quadro n.06: Informante 1- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	71
Quadro n.07: Informante 1- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	71
Quadro n.08: Informante 1- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	71
Quadro n.09: Informante 1- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	71
Quadro n.10: Informante 2- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	72
Quadro n.11: Informante 2- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	72
Quadro n.12: Informante 2- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	72
Quadro n.13: Informante 2- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	72
Quadro n.14: Informante 3- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	73
Quadro n.15: Informante 3- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	73
Quadro n.16: Informante 3- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	73
Quadro n.17: Informante 3- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	73
Quadro n.18: Informante 4- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	74
Quadro n.19: Informante 4- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	74
Quadro n.20: Informante 4- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	74

Quadro n.21: Informante 4- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta anterior).....	74
Quadro n.22: Informante 1- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	81
Quadro n.23: Informante 1- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	81
Quadro n.24: Informante 1- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	81
Quadro n.25: Informante 1- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	81
Quadro n.26: Informante 2- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	82
Quadro n.27: Informante 2- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	82
Quadro n.28: Informante 2- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	82
Quadro n.29: Informante 2- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	82
Quadro n.30: Informante 3- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	83
Quadro n.31: Informante 3- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	83
Quadro n.32: Informante 3- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	83
Quadro n.33: Informante 3- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	83
Quadro n.34: Informante 4- Entrevista - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	84
Quadro n.35: Informante 4- Leitura - 1ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	84
Quadro n.36: Informante 4- Entrevista - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	84
Quadro n.37: Informante 4- Leitura - 2ª. Gravação (realização da vogal médio-aberta posterior).....	84
Quadro n.38: Informante 1- Entrevista - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	92
Quadro n.39: Informante 1- Leitura - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	93
Quadro n.40: Informante 1- Entrevista - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	94
Quadro n.41: Informante 1- Leitura - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	95

nasais).....	
Quadro n.42: Informante 2- Entrevista - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	96
Quadro n.43: Informante 2- Leitura - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	97
Quadro n.44: Informante 2- Entrevista - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	98
Quadro n.45: Informante 2- Leitura - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	99
Quadro n.46: Informante 3- Entrevista - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	100
Quadro n.47: Informante 3- Leitura - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	100
Quadro n.48: Informante 3- Entrevista - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	101
Quadro n.49: Informante 3- Leitura - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	102
Quadro n.50: Informante 4- Entrevista - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	103
Quadro n.51: Informante 4- Leitura - 1ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	104
Quadro n.52: Informante 4- Entrevista - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	105
Quadro n.53: Informante 4- Leitura - 2ª. Gravação (realização das vogais nasais).....	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico n.01: Informante 1 – Realização da vogal médio-aberta anterior.....	76
Gráfico n.02: Informante 2 – Realização da vogal médio-aberta anterior.....	76
Gráfico n.03: Informante 3 – Realização da vogal médio-aberta anterior.....	76
Gráfico n.04: Informante 4 – Realização da vogal médio-aberta anterior.....	76
Gráfico n.05: Informante 1 – Realização da vogal médio-aberta posterior.....	85
Gráfico n.06: Informante 2 – Realização da vogal médio-aberta posterior.....	85
Gráfico n.07: Informante 3 – Realização da vogal médio-aberta posterior.....	86
Gráfico n.08: Informante 4 – Realização da vogal médio-aberta posterior.....	86
Gráfico n.09: Produção adequada da vogal médio-aberta anterior e da vogal médio-aberta posterior em contexto de entrevista – resultado da 2ª. gravação.....	90
Gráfico n.10 Produção adequada da vogal médio-aberta anterior e da vogal médio-aberta posterior em contexto de leitura – resultado da 2ª. gravação.....	90
Gráfico n.11: Produção adequada da vogal médio-aberta anterior – resultado da 2ª. gravação.....	91
Gráfico n.12: Produção adequada da vogal médio-aberta anterior – resultado da 2ª. gravação.....	91
Gráfico n.13: Produção da vogal oral nasal em contexto de entrevista.....	107
Gráfico n.14: Produção da vogal oral nasal em contexto de leitura.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela n.01: Realização da vogal médio-aberta anterior /ɛ/.....	75
Tabela n.02: Realização da vogal médio-aberta posterior /ɔ/.....	85
Tabela n.03: Realização das vogais orais nasais.....	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	21
1.1 Análise Contrastiva.....	21
1.2 Análise de Erros.....	23
1.3 Interlíngua (IL).....	23
1.4 A Hipótese da Marcação Diferenciada (HDM).....	25
1.5 O Modelo de Ontogenia (MAJOR,1987).....	25
1.5.1 Desenvolvimento da criança versus desenvolvimento do adulto.....	29
1.5.2 Transferência positiva e parcial.....	30
1.5.3 Distinguindo interferência de desenvolvimento.....	30
1.5.4. Estilo.....	31
1.5.5 Similaridade fonológica.....	32
1.5.6 Testando o modelo.....	32
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....	36
2.1. Informantes.....	36
2.1.1 Informante 1.....	36
2.1.2 Informante 2.....	37
2.1.3 Informante 3.....	37
2.1.4 Informante 4.....	38
2.2 Questionário.....	38
2.3 Dados sobre a instituição.....	40
2.4 Entrevistas.....	40
2.3.1 O corpus.....	41
3.3 Organização dos dados.....	41
CAPÍTULO 3: SISTEMAS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL.....	42
3.1 Quadro Fonético do Português e do Espanhol.....	42
3.2 As consoantes do português e do espanhol.....	44
3.3 As vogais do português e do espanhol.....	47
3.3.1 Vogais orais.....	48
3.3.1.1 Vogais orais: um breve percurso histórico.....	50

3.3.2 Vogais Nasais.....	53
3.3.2.1 Vogais nasais do português: um breve percurso histórico.....	55
3.3.2.2 A nasalidade das vogais no português.....	56
3.3.2.3 Tonicidade da vogais nasais no português.....	57
3. 4 Os ditongos nasais.....	58
3.5 Considerações da fonética acústica acerca das vogais nasais.....	59
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AQUISIÇÃO DO	63
PORTUGUÊS COMO L1.....	63
4.1 Aquisição das vogais do português como L1.....	63
4.1.1 Variações individuais.....	63
4.1.2 Regressão do desenvolvimento fonológico.....	63
4.1.3 Estratégias de reparo	64
4.2 Aquisição das vogais.....	64
4.2.1 Estratégias de reparo.....	65
4.2.2 Fatores favoráveis à produção.....	66
4.3 Aquisição dos ditongos.....	67
4.4 Aquisição das consoantes nasais.....	68
4.4.1 Nasal em posição de coda.....	68
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS	70
5.1 Vogal médio-aberta anterior.....	70
5.2 Vogal médio-aberta posterior.....	81
5.3 Vogais nasais.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
BIBLIOGRAFIA.....	118
ANEXOS.....	123

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, a área de Português Língua Estrangeira (PLE) ou Português para Falantes de outras línguas (PFOL) vem sendo cada vez mais reconhecida como mercado de trabalho e, conseqüentemente, como objeto de pesquisa.

A língua portuguesa, embora falada por cerca de 250 milhões de pessoas, ocupando a 3ª posição no ocidente e sendo a quinta língua mais falada no mundo¹, ainda não apresenta características de língua comercial como o Inglês e Espanhol, por exemplo. Entretanto, nos últimos anos a procura pelo Português como língua estrangeira – principalmente pelo Português do Brasil (PB) – tem crescido gradativamente. Prova disto é o grande número de candidatos que se submetem ao exame de proficiência em Português para estrangeiros elaborado no Brasil: Celpe-Bras².

Há pessoas de diversas nacionalidades passando por um processo de aprendizagem em imersão em nosso país, destacando-se os europeus, os orientais e os hispano-americanos. Isso se deve, principalmente, à criação do MERCOSUL, ao crescimento econômico do país e à perspectiva de que o Brasil ocupará um importante papel na economia mundial. Nosso país também tem alcançado um lugar de destaque no cenário político nos últimos anos. Além disso, o país sediará a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016; todos esses fatores colaboram com o crescimento do interesse pelo português, principalmente pela variante brasileira, doravante PB. A área acadêmica também tem atraído estrangeiros, as universidades têm recebido alunos

¹ Dados divulgados pelos sites de educação: <http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/paises-que-falam-portugues.htm> e <http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/paises-que-falam-portugues.htm>.

² Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros - Celpe-bras - é o único exame de proficiência em português oficial do Brasil, sob responsabilidade do Ministério da Educação, elaborado pelo INEP. É aplicado em quase todos os estados brasileiros, além de países da América do Sul, Europa, Ásia e América do Norte. Mais informações sobre o exame no site: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12270&Itemid=518

intercambistas estudantes de graduação e pós-graduação, e muitas empresas têm atraído profissionais que tentam validar seu diploma para exercer a profissão no Brasil.

Entretanto, não é somente no Brasil que temos aprendizes de português, o português tem ocupado cada vez mais espaço entre os idiomas estudados em diversas partes do mundo. O ensino do português está presente em instituições de ensino superior na África, América do Sul e do Norte, Europa, Ásia e Oceania. Contudo, nosso estudo será centrado na aquisição do português como segunda língua, ou seja, adquirido por estudantes de português residentes no país, portanto, em processo de imersão.

Embora o termo PLE seja o mais difundido até então, adotaremos o termo Português para falantes de outras línguas, doravante PFOL. O termo PLE, refere-se ao ensino do português em países estrangeiros ou, especificamente, para estrangeiros. Portanto, exclui a população indígena brasileira, que configura um público nascido em território nacional, aprendizes de português como segunda língua. Dessa forma, o termo PFOL nos parece mais apropriado, pois abrange as diversas situações de ensino do português como língua estrangeira ou como segunda língua. Vale ressaltar que dados analisados nesta pesquisa referem-se a estrangeiros que estudaram ou mantiveram contato com o PB no Brasil, portanto, estavam passando por um processo de aprendizagem em imersão.

Diante do crescimento do ensino e aprendizagem de PFOL, tem havido também o desenvolvimento de pesquisas acerca de seu processo de aquisição. Cabe ressaltar o levantamento feito por Almeida Filho (2007). Segundo o autor, até o ano de 2007, destacavam-se os estudos em PFOL nas seguintes instituições: Universidade de Campinas – UNICAMP (com o maior número de teses defendidas), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Universidade

Federal de Pernambuco – UFPE, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Universidade de Brasília, além da Universidade de São Paulo- USP.

Em relação aos estudos na área de PFOL, podemos citar o Grupo de Estudos PFOL, coordenado pela Profa. Dra. Rosane de Sá Amado e pela Profa. Dra. Beatriz Daruj Gil, que conta com cerca de 30 integrantes, entre alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado, além de professores de português para estrangeiros de escolas de idiomas, que se reúnem mensalmente para discutir textos e desenvolver pesquisas nas áreas de aquisição/ensino/aprendizagem de português para falantes de outras línguas.

Diante desse novo contexto de ensino do português, surgiu o interesse por esta pesquisa. Foi durante um período de monitoria na área de português do Centro de Línguas da Universidade de São Paulo³ que ocorreu o primeiro contato desta pesquisadora com o ensino de português para estrangeiros. A Universidade de São Paulo possui programas de convênios com Universidades de diversas partes do mundo supervisionado pela Comissão de Cooperação Internacional - CCInt⁴. A Universidade recebe estudantes de diversas partes do mundo, destacando-se os alunos falantes de espanhol. Durante a monitoria foi possível ministrar aulas de português para estudantes de diversas nacionalidades, destacando-se japoneses, franceses, alemães e falantes de espanhol. Também foi possível atuar na aplicação do exame Celpe-Bras. A partir dessa experiência, surge o interesse pela pesquisa na área de PFOL.

Nesse mesmo período, iniciaram-se os estudos da língua espanhola na graduação com habilitação em português e espanhol pela FFLCH-USP. Deste modo, houve a possibilidade de comparar as dificuldades dos alunos hispânicos aprendendo português

³ O Centro de Línguas da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo oferece cursos de línguas para a Comunidade USP e para a Comunidade externa e cursos de Português para Estrangeiros exclusivamente para a comunidade USP. O Centro de Línguas também foi posto aplicador do Celpe- Bras de 2003 a 2008. Mais informações sobre o Centro de Línguas da FFLCH-USP no site: <http://clinguas.fflch.usp.br>

⁴ Mais informações sobre os programas de convênios da Universidade de São Paulo estão disponíveis no site: <http://www.usp.br/ccint>

e dos alunos brasileiros aprendendo espanhol. Tal comparação motivou o interesse pela análise da aquisição do português por falantes de espanhol. A partir da experiência em sala de aula foi possível notar que a dificuldade do falante de espanhol é relativamente baixa num primeiro contato com o português - em comparação a falantes de outras línguas em fase inicial - pois a semelhança entre as línguas é um fator favorável e facilita a compreensão em um estágio inicial, ou seja, num primeiro momento de contato com a língua portuguesa. No entanto, a semelhança pode passar a ser um fator desfavorável ao desenvolvimento do processo de aquisição do português por esses aprendizes. Almeida Filho (2007) afirma que temos que reconhecer que as semelhanças entre as línguas podem suscitar a sensação de que a aprendizagem será facilitada, entretanto, a ausência de claros definidores de aspectos da nova língua, decorrente dessas semelhanças, pode tornar-se um fator complicador.

Dentre os principais estudos, há uma grande quantidade de trabalhos que aborda a aquisição do Português como língua estrangeira por falantes de espanhol. Isso porque a proximidade entre as línguas traz como consequência um processo de aquisição diferenciado, sendo que a maioria dos estudos indica que essa proximidade causa maior interferência da língua materna (LM) em comparação com falantes de outras línguas. Segundo Almeida Filho (2004) línguas tipológica ou geneticamente próximas, como o Português e o Espanhol, surpreenderam a cena profissional científica no final da década de 70, ao serem exibidas como falsamente fáceis de serem aprendidas e ensinadas. Além disso, o autor afirma que essa proximidade passou a ser mostrada como geradora espontânea de uma gama de fenômenos de aquisição e aprendizagem sem precedentes nos contextos de línguas mais distantes.

Cabe aqui citar que grande parte dos pesquisadores faz a distinção entre aquisição e aprendizagem. Segundo Krashen (1982), a aquisição é um processo

inconsciente que envolve o desenvolvimento natural da proficiência enquanto que a aprendizagem envolve o processo consciente e formal, portanto, a aprendizagem não levaria à aquisição. Contudo, adotaremos o termo aquisição no momento da análise fonético-fonológica, visto que é o termo aplicado pelas correntes teóricas que embasam essa pesquisa.

Embora, haja um número considerável de estudos focando a aprendizagem do português por falantes de espanhol, sendo, até mesmo, classificado como um dos núcleos temáticos dos estudos de PFOL, Almeida Filho (2007), observamos que ainda há questões que merecem ser exploradas. Dentre elas, o processo de aquisição das vogais nasais e das vogais médio-abertas do português, que representam grande dificuldade durante o processo de aquisição.

Essa dificuldade não é apenas do aprendiz, mas também de seus professores, que buscam várias estratégias para que o aprendiz possa produzir essas vogais o mais próximo possível da produção de um falante nativo. No presente estudo, serão considerados os processos de alofonia vocálica da língua espanhola, pois se observa que, em determinados ambientes fonológicos, há mais facilidade para a abertura da vogal. Além disso, também há na língua espanhola um processo de nasalização semelhante ao que ocorre no português, cabendo a este estudo verificar até que ponto esse processo é semelhante.

Dentre os poucos trabalhos voltados à descrição e análise do processo de aquisição do sistema fonético-fonológico do português como segunda língua, podemos citar a tese de doutorado de Alessandra Dutra, intitulada *Aquisição do português como língua estrangeira: Fênomenos de Variações no âmbito fonológico*, defendida na Universidade Estadual Paulista – UNESP em 2008, que trata da aquisição de sons do Português por falantes de inglês e de espanhol. Há, também, a dissertação de mestrado

de Valéria S. Camargo: *Traços fonético-fonológicos do português para falantes do espanhol e do inglês: segmentos dificultadores para a aquisição do português brasileiro*, sob orientação da Profa Dra. Rosane de Sá Amado, defendida em 2009.

Tendo como base a Análise de Erros e o conceito de Interlíngua⁵, Camargo (2009) analisa a produção de quatro Informantes, dois falantes da língua inglesa e dois falantes de espanhol, verificando quais sons oferecem dificuldades aos aprendizes e em quais situações aparecem. A autora utiliza como metodologia a leitura de lista de palavras e de um pequeno texto, portanto, sua pesquisa baseia-se apenas em dados referentes a contextos formais. Segundo Major (1987), dados referentes à leitura de palavras, frases e texto constituem o estilo formal e a falta de dados referentes a conversa espontânea pode comprometer o resultado da pesquisa.

Dutra (2008) realiza uma análise mais dirigida e, diferentemente de Camargo (2009) que seleciona determinados fenômenos que surgem em seu *corpus*, aborda três fenômenos de variação fonética na aquisição do português: o uso das vibrantes em início de palavras, em grupos consonantais em posição intervocálica; a palatalização das oclusivas [t] e [d], e a vocalização da lateral[ɫ] em final de sílaba, à luz dos pressupostos da Sociolinguística Laboviana⁶. Em sua pesquisa são apresentados os dados referentes a produções de onze Informantes americanos e onze espanhóis. A metodologia aplicada consiste em gravações de conversa espontânea, conversa dirigida e leitura de lista de palavras, frases e textos.

Ambos os trabalhos contribuem para o desenvolvimento da pesquisa fonético-fonológica da aquisição do português com L2, contudo, percebe-se que em ambos prevalecem a abordagem de segmentos consonantais, embora, Camargo realize uma

⁵ O modelo teórico da Análise de Erros e o conceito da Interlíngua serão abordados no capítulo 1.

⁶ Como define Mollica (2004, p. 9-14) a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso, correlacionando aspectos linguísticos e sociais.

breve análise das vogais e semivogais do português. Sendo assim, acreditamos que nosso trabalho pode agregar informações e colaborar com o desenvolvimento da área de PFOL, pois abordaremos a questão da aquisição do sistema vocálico do português. Contudo, diferentemente de Camargo (2009) e de Dutra (2008), trabalharemos apenas com falantes de espanhol. Nosso *corpus* é formado por 4 Informantes que foram acompanhados por um período de 8 a 18 meses.

Como já foi dito acima, o que chama a atenção no processo de aquisição do português por falantes de espanhol é a proximidade entre a L1 e a L2. Deste modo, tem-se como ponto de partida a comparação entre as referidas línguas. Para isso, é necessário um modelo teórico que considere essa questão, como o Modelo de Ontogenia, proposto por Major (1987). Trata-se de um modelo embasado na relação de interferência e desenvolvimento, partindo da comparação entre L2 e L1, assim como o Modelo da Análise Contrastiva, que tem como pressuposto a análise comparativa entre o sistema linguístico da L1 e da L2. O principal argumento da AC consiste na afirmação de que é possível prever os erros do aprendiz a partir da análise contrastiva entre L1 e L2, considerando apenas os fenômenos linguísticos. Enquanto isso, o Modelo de Ontogenia considera, também, dados extralinguísticos, tais como idade, grau de escolaridade, e estilo. Além disso, trata-se de um modelo que, em princípio, busca estabelecer um método específico para a análise do processo de aquisição do sistema fonético-fonológico de LE ou L2, diferentemente de outros modelos teóricos como a AC e a Análise de Erros.

Desse modo, surge o interesse por testar o Modelo de Ontogenia aplicando-o na análise da aquisição do português por falantes de espanhol. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever o processo de aquisição do sistema vocálico, além de auxiliar os professores de português língua estrangeira e, até mesmo, encontrar estratégias que

facilitem esse processo. Como cita Baralo (2004), ao analisar a aquisição do espanhol como LE, determinar em que se parecem e em que se distanciam, a L1 e L2 pode ser de grande utilidade para compreender o processo de ensino e aprendizagem de uma L2. Conhecer estratégias do aprendiz possibilita ao professor desenhar uma atuação didática mais eficaz.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos: no primeiro capítulo, temos as teorias que embasam nossa pesquisa; no segundo capítulo, apresentamos a metodologia aplicada; no terceiro capítulo, realizamos uma análise comparativa entre os sistemas fonéticos fonológicos do português e do espanhol; o quarto capítulo apresenta informações acerca da aquisição do português como L1, e por fim, no quinto capítulo, realizamos a análise dos dados.

Capítulo 1

Fundamentos Teóricos

Neste capítulo, serão apresentados os fundamentos teóricos relevantes à presente pesquisa. Embora, o Modelo de Ontogenia (MAJOR, 1987) tenha sido adotado como o modelo de análise da aquisição das vogais do português por falantes de espanhol, será estabelecido um diálogo com pressupostos teóricos que antecedem o Modelo de Ontogenia: a Análise Contrastiva (LADO, 1957), o modelo de Interlíngua (SELINKER, 1972) e Hipótese da Marcação Diferenciada (ECKMAN, 1987). Com o objetivo de apresentar um breve panorama, citaremos também a Análise de Erros (AE) (CORDER, 1967), entretanto, essa vertente não será considerada em nossa análise.

1.1 Análise Contrastiva (AC) (LADO, 1957)

A AC surge a partir de uma preocupação didática que pretendia estabelecer um método que evitasse os erros dos aprendizes de LE ou L2. Seu método consiste em verificar quais são as semelhanças e diferenças estruturais entre L2 e L1 e, deste modo, analisar quais são as estruturas que causariam dificuldades, tentando justificar isso através do processo de transferência.

Segunda a AC, ocorrem transferências de estruturas da L1 para a L2. As transferências podem ser positivas ou negativas:

Positiva: emprego produtivo de estruturas da L1. Por exemplo, transferência do segmento [p] do Espanhol para a reprodução da palavra *pai* [paj] do Português.

Negativa: empregos não produtivos de estruturas da L1, denominadas também como interferência. Por exemplo, a palavra *avó*: como o sistema fonológico do Espanhol não apresenta a vogal posterior médio-baixa [ɔ], o falante produzirá o

segmento mais próximo que existe em seu sistema, qual seja, a vogal posterior médio-alta [o]. Deste modo, a palavra *avó* será produzida como [avo] e não [avɔ]. Neste caso, poderá ocorrer um problema grave de comunicação, pois se estará produzindo outra palavra do português: *avô*, com mudança, inclusive, de gênero. O principal argumento da AC consiste no pressuposto de que seria possível prever os erros dos aprendizes a partir do resultado da análise contrastiva entre a L1 e a L2. Segundo a AC, as dificuldades dos aprendizes estariam associadas às diferenças entre a L1 e a L2. Contudo, a AC passou a ser criticada quando se percebeu que uma boa parte dos erros cometidos pelos aprendizes não era resultado das diferenças entre L1 e a L2.

Além disso, na década de 1960, surgem novas correntes teóricas e novas hipóteses sobre a aquisição da linguagem. Enquanto a AC precede de uma vertente conductual, com base no conceito de estímulo, esforço, resposta e hábito, o Gerativismo fundamenta-se na hipótese de que o homem possui uma capacidade inata para adquirir linguagem. Segundo o Gerativismo o homem tem acesso à Gramática Universal (GU) e passa a adquirir uma língua a partir dos dados aos quais seria exposto. A GU consiste num sistema de princípios, condições e regras que são elementos ou propriedades de todas as línguas humanas. (CHOMSKY, 1976; apud AMADO,2010). Como citam Amado e Rodrigues (2010), a GU pode ser entendida como a expressão da “essência da linguagem humana”. A teoria da GU é complementada pela teoria de princípios e parâmetros: princípios inatos e universais que restringem a forma da gramática e parâmetros que serão fixados pela experiência, de acordo com o *input* linguístico (CHOMSKY, 1976 apud AMADO; RODRIGUES, 2010).

1.2 Análise de Erros (AE) (CORDER, 1967)

A Análise de Erros surge como uma resposta à AC, considerando o gerativismo e abandonando a abordagem comportamentalista. A comparação entre L1 e L2 continuam a ter sua relevância na AE, contudo, diferentemente da AC, não é mais o ponto de partida da análise. A AE parte das produções reais de seus aprendizes. Já não há o objetivo de prever os erros, há apenas o objetivo de identificar quais são os erros provenientes da interferência da LM.

Segundo Corder (1967), os erros que aparecem nos sistemas linguísticos transitórios funcionam como indicadores das áreas de maior dificuldade e servem para que se elaborem materiais didáticos mais ajustados às necessidades desses aprendizes. Segundo a AE, os erros não devem ser evitados e sim analisados, pois indicam que o processo de aquisição está acontecendo. A AE está embasada na dicotomia: erros sistemáticos e erros não sistemáticos.

Erros sistemáticos: erros devido à deficiência de conhecimento de L2 que devem preocupar o professor e o aprendiz de determinada língua nativa.

Erros não sistemáticos: erros que são simples equívocos e, por isso, não possuem papel preponderante no processo de ensino-aprendizagem.

1.3 Interlíngua (IL) (SELINKER, 1972)

Segundo Fernandez (1997), a Interlíngua surge apoiada na AE, porém apresentando uma visão ampliada do processo de aquisição de L2. Há diversas definições para o conceito de interlíngua: dentro do processo de aquisição, o aprendiz pode realizar, simultaneamente, transferências positivas e negativas, formando assim, uma língua transitória. A essa língua transitória dá-se o nome de *interlíngua*. Trata-se de

um sistema linguístico em construção que está entre uma L1 e L2, contudo, não é uma mescla das duas.

Cruz (2001), em sua tese de doutorado, define interlíngua como:

Competência linguístico-comunicativa que o aprendiz de LE manifesta em sua produção, marcada pela variabilidade num percurso com avanços, regressões, instabilidades e possíveis fossilizações até o estágio final. Além de transferências linguísticas, ocorre a criação de regras próprias a esse sistema. (2001, p. 47)

Para Selinker (1972), a interlíngua é resultado da tentativa de um aprendiz adulto ao se expressar em uma LE, assumindo que há uma estrutura latente de linguagem que entra em ação quando se tenta aprender uma LE. Essa estrutura latente a que se refere Selinker (1972) procede da proposta de Lenneberg (1967; apud DURÃO, 2007), que estabelece esse componente mental em contrapartida à Gramática Universal. Para Selinker (1972) a IL seria um sistema aberto que vai se construindo pouco a pouco.

Para Corder (1981), a IL caracteriza-se por ser uma mescla dos sistemas linguísticos que vão se sofisticando à medida em que se avança a aprendizagem da LE. Segundo o autor, há três fatores que condicionam a IL: o repertório linguístico da LM do aprendiz, os dados a que ele está exposto e as estratégias de aprendizagem empregadas. Além disso, chama a atenção para a possibilidade de fossilização de certas áreas de sua IL, caso o aprendiz não se atente a determinadas regras e deixe de formular hipóteses. Fossilização é o termo utilizado para definir o estágio em que o aprendiz de L2 apresenta erros recorrentes (que podem ser erros associados tanto à L1 quanto à L2) e não avança no processo de aquisição. Em alguns casos, o aprendiz pode estagnar-se na interlíngua e a fossilização pode tornar-se permanente.

1.4 A Hipótese da Marcação Diferenciada (HDM) (ECKMAN, 1987)

A Hipótese da Marcação Diferenciada (HDM) fundamenta-se na noção de marcação tipológica e propõe que o grau de dificuldade corresponda à noção de tipologicamente marcado.

Segundo a HDM as línguas podem apresentar estruturas que são básicas, ou estrutura mais complexas. As estruturas básicas seriam mais frequentes, já as complexas menos frequentes, portanto as estruturas básicas seriam menos marcadas e as complexas mais marcadas. (ECKMAN, 1987).

Eckman (1987) sugere que:

- a) estruturas da L2 que são diferentes de L1 e mais marcadas, serão mais difíceis;
- b) o grau de dificuldade entre a L2 e a L1 depende do grau de marcação;
- c) as estruturas da L2 que são diferentes da L1 mas menos marcadas, não serão difíceis.

1.5 O Modelo de Ontogenia (MAJOR, 1987)

A proposta de Major é criar um modelo para a aquisição fonológica da L2 que ofereça uma visão integral acerca do caminho que o aprendiz da L2 percorrerá, observando as possibilidades de erro em determinados estágios. Trata-se de um modelo embasado na relação entre os processos de interferência e de desenvolvimento, essa relação é explicitada pelo modo como o modelo define a cronologia do processo de aquisição fonológica.

A hipótese estabelecida é de que, nos primeiros estágios do processo de aquisição fonológica, a interferência da língua materna (LM) seja predominante e passe a decrescer gradualmente ao longo do processo. Desse modo, no início do processo de

aquisição, o aprendiz encontra-se no pico de um processo de interferência que passa a decrescer até chegar a zero, como podemos observar no gráfico abaixo:

Segundo o gráfico o aprendiz inicia seu processo com o grau mais alto de interferência e esse processo passa a decrescer até atingir o grau zero. (MAJOR, 1987, p. 103)

Simultaneamente ao processo de interferência, o aprendiz passa pelo processo de desenvolvimento, que ao contrário da interferência, parte do zero e aumenta gradativamente durante o processo de aquisição, alcançando um pico de frequência de onde então passará a decrescer:

Fase de desenvolvimento: observe que inicia-se no ponto zero e passa a ascender até atingir um determinada intensidade considerada pelo autor como o pico da fase desenvolvimento, após esse pico o processo passa a decrescer. (MAJOR, 1987, p. 103)

Esse decréscimo representa a fase final do processo de desenvolvimento e do processo de aquisição. Quando o falante já está chegando ao fim do processo de aquisição, o processo desenvolvimento passa a diminuir, pois as estruturas da L2 já estão sendo assimiladas pelo aprendiz.

Como explicita o autor, com base nos princípios gerais da teoria de aprendizagem⁷, o falante inicia transferindo estruturas de sua LM para a L2 porque ainda não apresenta um grande conhecimento acerca da língua alvo. Desse modo, estruturas da língua alvo e da LM passam a entrar em contato (início do processo de desenvolvimento) e à medida que esse contato aumenta, as novas estruturas cognitivas passam a interferir na Interlíngua (IL), diminuindo a interferência da LM.

Podemos afirmar, então, que os gráficos de Major representam o percurso que essa língua transitória (IL) percorre até que o aprendiz passe a produzir os sons da língua alvo.

Major baseia-se também em Taylor (1975), que constatou em seus estudos que é mais comum observar a interferência da LM em alunos iniciantes, enquanto a generalização de regras⁸ ocorre mais frequentemente com alunos em estágios mais avançados. Isso ocorre porque o aprendiz deixa de recorrer às estruturas de sua LM e passa a cometer erros associados às estruturas da L2, ou seja, o aprendiz passa a assimilar as regras fonológicas da L2 e em alguns casos pode super-generalizar essas regras.

Observamos que o modelo de ontogenia traz fundamentos semelhantes aos da Análise Contrastiva (LADO, 1957), embora o autor não faça referência a essa teoria. Como vimos anteriormente, o método da AC consiste em verificar quais são as semelhanças e diferenças estruturais entre L2 e LM e, deste modo, analisar quais são as estruturas que causam dificuldades e tentar justificar isso através do processo de transferência.

⁷ Para tal afirmação, Major (1987) apoia-se em estudos de Eckman (1987).

⁸ A generalização de regras é um termo utilizado nos estudos de aquisição de fonologia para referir-se ao fato de que o aprendiz, durante o processo de aquisição, passa a assimilar novas regras da L2, contudo, algumas vezes as regras podem ser generalizadas e aplicadas em contextos equivocados. Por exemplo, quando o falante de espanhol adquire a fricativa /v/ passa a reproduzi-la também no lugar de /b/.

Assim como a AC, o modelo de ontogenia considera que o aprendiz de L2 terá como ponto de partida sua LM e, por conta disso, a LM irá interferir no processo de aquisição. Por outro lado, o modelo traz a relevante hipótese de que a aquisição de L2 é composta por dois processos que ocorrem simultaneamente.

Major afirma que há um cruzamento entre os dois processos: à medida que a interferência passa a diminuir, o processo de desenvolvimento passa a crescer até atingir um pico, desse momento em diante, os dois processos passam a decrescer:

Cruzamento entre o processo de interferência e desenvolvimento, a linha reta em declínio representa a interferência e a linha em curva representa o desenvolvimento. (adaptado de Major, 1987, p. 103)

O momento em que as duas linhas se cruzam pode ser considerado não só o pico do processo de desenvolvimento, mas também o pico do processo de aquisição, quando o falante apresenta tanto a interferência de sua LM quanto um grau alto de desenvolvimento. Após esse pico, a tendência é que os processos decresçam, pois o processo de aquisição caminha para a reta final.

Talvez considerar que dois processos ocorram ao mesmo tempo, e que, além disso, estejam diretamente relacionados, possa ser um grande passo na tentativa de compreender a complexidade do processo de aquisição de L2.

1.5.1 Desenvolvimento da criança *versus* desenvolvimento do adulto

Para Major, não há diferenças fundamentais entre o processo de aquisição fonológica da criança e do adulto; a maior diferença estaria no ponto de partida. No caso dos adultos o ponto de partida é a L1, já no caso das crianças o ponto de partida é seu sistema nativo de pré-linguagem. A aquisição na criança e no adulto é similar porque ambos se aproximam progressivamente da língua alvo, partindo de um ponto inicial composto por segmentos que já tenha adquirido, no caso do aprendiz adulto, ou de seu sistema inato, no caso das crianças. Como exemplo, temos a comparação entre a aquisição do segmento [æ] por uma criança nativa da língua inglesa e um falante de espanhol. Segundo Major, tanto a criança aprendiz do inglês como L1, quanto o falante de espanhol, aprendiz de inglês como L2 passarão pelo mesmo processo de desenvolvimento: [a] > [ã] > [æ̃] > [æ].

Segundo o autor, a criança normalmente partirá da vogal [a], assim como o falante de espanhol, entretanto, não mostra em que estágio a criança estaria no momento em que realiza esse processo. Pressupomos que Major tenha se embasado em estudos de aquisição do inglês como L1, porém a falta de informação pode ser considerada uma pequena falha do autor, pois é fundamental para o Modelo de Ontogenia precisar o método como são realizadas as comparações entre aquisição da língua-alvo como L1 e como L2, ou seja, a comparação entre uma criança adquirindo inglês (no caso do referido estudo) como L1 e um adulto adquirindo inglês como L2.

Já em relação ao aprendiz falante de espanhol, o resultado da aplicação do modelo é bastante pertinente, pois, no sistema fonológico do espanhol, o segmento [a] é o mais próximo do segmento [æ] da língua-alvo.

1.5.2 Transferência positiva e parcial

Major afirma que principal diferença entre a aquisição da fonologia e a aquisição sintática e/ou morfológica é que, na fonologia, a transferência positiva parece ocorrer sempre. Tal afirmação parece ser muito pertinente, se fizermos uma análise superficial, embasada nas experiências de um professor, por exemplo. Para um professor de língua estrangeira, o processo mais evidente seria o processo de transferência, tanto a positiva quanto a negativa (considerando a AC). Contudo, como pesquisador, fazer tal afirmação pode ser precipitado. Seria necessário que se realizassem estudos comparativos entre a transferência positiva em todos os níveis de aquisição a fim de corroborá-la.

A transferência positiva do Modelo de Ontogenia apresenta o mesmo fundamento da AC: se um som ou um processo da L1 ocorre também em L2, o falante automaticamente transfere esse som para a L2.

Por outro lado, Major estabelece a ideia de transferência parcial: o fato de um segmento da língua-alvo (L2) existir no sistema fonológico da LM do aprendiz não indica que o processo de transferência ocorrerá sempre. Por exemplo, o inglês não apresenta o segmento [z] em posição inicial, contudo não terá dificuldade pra pronunciar a palavra [zaza], pois esse segmento existe na língua inglesa. Porém, a produção do segmento [ŋ] em posição inicial causa dificuldades ao falante do inglês, ainda que esse segmento pertença ao sistema fonético-fonológico de sua L1. Ele conclui então, que há casos em que ocorrerá a transferência positiva e casos em que ocorrerá a transferência parcial.

1.5.3 Distinguindo interferência de desenvolvimento

Em alguns casos, os processos de interferência e de desenvolvimento são idênticos. Por exemplo, para um falante de alemão aprendiz de inglês, é impossível

saber se o desvozeamento das obstruintes é resultado de um processo de interferência ou de desenvolvimento, pois é um processo que ocorre com o adulto falante de alemão aprendiz de inglês e que comumente ocorre na aquisição do inglês como L1. Desse modo, poderia ser considerado *desenvolvimento*, porém como se trata de um processo que ocorre na língua alemã, também pode ser considerado *interferência*.

Por outro lado, há casos que são muito claros, por exemplo: o falante de espanhol substitui a retroflexa do inglês por [r]. Esse processo de substituição é claramente interferência do espanhol, pois é um fenômeno que raramente ocorre na aquisição do inglês como L1.

Outra característica importante do Modelo de Ontogenia é a articulação de dados linguísticos e extralinguísticos. Enquanto a AC busca explicar todos os fenômenos ocorridos no processo de aquisição através da análise do sistema fonético-fonológico da língua alvo e da LM, considerando apenas os dados intralinguísticos, o Modelo de Ontogenia, ainda que tenha como base os dados intralinguísticos e argumentos semelhantes à AC, também considera que fatores extralinguísticos possam interferir no processo de aquisição, como idade e estilo.

1.5.4 Estilo

O estilo refere-se à situação de fala, pois normalmente há diferenças significativas entre situações formais (em sala de aula, por exemplo) ou casuais. Em situações formais, como a produção de palavras isoladas, o aprendiz presta muita atenção na forma por isso a interferência pode diminuir e o desenvolvimento aumentar no início. Contudo, o desenvolvimento também tende a diminuir.

1.5.5 Similaridade fonológica

Major resalta também o fato de que a interferência tende a ser maior quando o sistema fonológico da LM é similar ao da L2. Além disso, resalta que o processo de aprendizagem será mais difícil, por conta da semelhança, pois o aprendiz vai inconscientemente perceber os fonemas semelhantes como idênticos. Como exemplo, ele mostra o que ocorre com o falante de português ao adquirir o fonema do inglês /æ/, que é muito próximo ao fonema /ɛ/. Por conta da proximidade e semelhança, o falante interpreta o fonema /æ/ como o fonema /ɛ/ e passa a produzi-lo equivocadamente, ocorrendo então a transferência negativa.

1.5.6 Testando o modelo

A fim de verificar a eficácia ou não do modelo de ontogenia, Major realiza um teste com base na análise de falantes do português brasileiro (PB) estudantes da língua inglesa. Foi analisada a produção oral de 12 Informantes: estudantes e professores da PUC-SP. Os Informantes foram divididos em dois grupos: falantes iniciantes, estudantes no 1º ano de inglês, que nunca estiveram em países de língua inglesa e falantes, graduados em inglês, que já estiveram e/ou viveram em países de língua inglesa.

A metodologia aplicada consistiu na leitura de: lista de sentença, lista de palavras e texto curto, seguem abaixo os processos analisados:

a- Produção do segmento /r/

Como o segmento retroflexo do inglês ocorre apenas em alguns dialetos (estigmatizados) do PB, pressupõe-se que os falantes do português terão dificuldades para produzi-lo. No entanto, não houve diferenças significativas entre os dois grupos (o

grupo de alunos avançados e o grupo de alunos iniciantes). Segundo o autor, a relativa falta de dificuldade para a produção do /r/ deve estar relacionada ao fato de que esse segmento ocorra em posição final de sílaba no português.

b- Encontros consonantais finais (clusters) : $\emptyset \rightarrow [i, \partial] / C(C) _ \#$

Como não há no PB a ocorrência desse fenômeno fonológico (clusters) em coda, pressupõe-se a ocorrência de interferência por inserção de [i,ə]. Os resultados comprovam a hipótese: a inserção de [i] é considerada um processo de interferência, já a inserção de [ə] é considerada desenvolvimento. O que determina essa distinção é o fato de que a inserção de [i] é um processo que ocorre no PB, para desfazer encontros consonantais enquanto a inserção de [ə] ocorre no processo de aquisição do inglês como L1, ou seja, é um processo que ocorre na fase de aquisição da criança nativa de língua inglesa.

c- Desvozeamento final: $[+voz] \rightarrow [-voz] / _ \# e$

d- Paragoge: $\emptyset \rightarrow [i, \partial] / C _ \#$

Nos dois casos, a inserção de [i] é um processo de interferência que impede o desenvolvimento (desvozeamento), enquanto a inserção de [ə] apresenta-se como um fator de desenvolvimento. Esse processo revela a dificuldade do falante de português ao pronunciar, por exemplo, a palavra *dog*: [dɔgi] (interferência) > [dɔgə] (desenvolvimento) > [dɔk] (desenvolvimento) > [dɔg]

Segundo Major, os resultados corroboram a eficácia do modelo, ainda que haja falhas que foram apontadas pelo próprio autor, como a dificuldade em identificar interferência e desenvolvimento. O teste realizado considerou aspectos bastante relevantes em relação à aquisição do inglês por falantes do PB, entretanto, não houve

riquezas de detalhes ao revelar os resultados para que se possa concluir que o modelo realmente é pertinente. Ainda assim, o Modelo de Ontogenia parece ser um modelo interessante para o pesquisador que busca estudar a aquisição de L2 visando analisar a relevância da L1 do aprendiz.

Apresentamos aqui um breve panorama acerca da fundamentação teórica a ser considerada nessa pesquisa, contudo, cabe ressaltar que nesta pesquisa contaremos com a contribuição do conceito da interlíngua e de marcação (HDM, ECKMAN, 1987), além do Modelo de Ontogenia, que embasa nosso estudo.

Analisar as diferenças entre a LM e a L2 é de suma importância para nossa análise. Normalmente, se recorre à AC quando há o interesse em realizar esse tipo de análise comparativa, porém a AC concentra-se apenas na interferência da L1 do aprendiz, já o Modelo de Ontogenia dá um passo a frente, pois considera, além da fase de desenvolvimento, diversos fatores extralinguísticos que podem influenciar o processo de aquisição fonológica. Além disso, é um modelo específico para a fonologia. Para Major, a aquisição fonológica apresenta características peculiares como o fato de que a transferência positiva é automática e, podemos acrescentar, inconsciente. O falante não percebe que está transferindo estruturas de sua L1, embora perceba que há facilidade em produzir sons que também existem na sua língua.

Podemos dizer que o problema da AC é sua limitação aos dados linguísticos e o conceito de que todas as dificuldades enfrentados pelos aprendizes devem-se às diferenças entre L2 e L1. Porém o conceito de transferência negativa assemelha-se ao conceito de interferência do Modelo de Ontogenia.

Outro fator positivo em relação ao Modelo de Ontogenia é considerar que os processos ocorrem simultaneamente; até então, os estudos concentravam-se em verificar

cada processo da aquisição de L2 separadamente, já o Modelo de Ontogenia trabalha com dois grandes processos que estão diretamente relacionados.

Contudo, podemos estabelecer uma nova hipótese referente à relação entre os dois processos. O autor define que o desenvolvimento passa a aumentar a partir do momento em que o aprendiz passa a assimilar as estruturas da L2 e, conseqüentemente, passa a desconsiderar as estruturas de sua L1. Podemos afirmar que, caso no início do processo de aquisição, a interferência não diminua, o desenvolvimento possa não ocorrer. Isso poderia explicar porque é considerado comum haver fossilização no caso de aquisição de uma L2 muito próxima à L1 do aprendiz, como no caso do falante de espanhol aprendiz de português L2. Aplicaremos, ainda, o conceito da HDM, observando se o marcado provocará mais dificuldades no processo de desenvolvimento, verificando se essa teoria pode contribuir com a nossa análise.

Talvez, tentar aplicar o Modelo de Ontogenia no processo de aquisição e que a língua alvo seja próxima à L1 do aprendiz possa ser uma boa forma de testar a eficácia desse modelo, verificando se há falhas ou não.

Capítulo 2

Metodologia

Neste capítulo, encontra-se a metodologia para a formação do *corpus*. Primeiramente, fornecemos dados sobre os informantes, atendo-nos a fatores linguísticos e extralinguísticos. Apresentamos, também, a instituição em que estudavam português quando participaram das entrevistas. Em seguida, analisamos os questionários preenchidos pelos Informantes. Por fim, descrevemos a estrutura das entrevistas, a organização dos dados, além de citar os recursos utilizados nas entrevistas.

2.1. Informantes

Foram selecionados quatro informantes sul-americanos falantes de espanhol, todos alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo, que, à época da 1ª coleta de dados, cursavam português para estrangeiros no Centro de Línguas da Universidade de São Paulo. Antes do início das entrevistas, foi aplicado um questionário⁹ a fim de coletar informações linguísticas e extralinguísticas sobre os informantes, além de abordar a questão da proximidade entre as línguas, conforme veremos no item 2.2.

2.1.1 Informante 1

Colombiana, 27 anos na primeira entrevista e 28 na segunda, mestranda em Engenharia Elétrica na Poli. Além do português, tem conhecimentos básicos de inglês (lê bem, entende um pouco, não escreve e nem fala). Antes de iniciar o curso no Centro de Línguas da USP, estudou português sozinha, durante 1 ano e 9 meses, quando chegou ao Brasil. Mora com sua família colombiana (marido e filhos; seu filho mais velho já fala português e os dois mais novos nasceram no Brasil, o segundo filho está

⁹ Verificar o questionário em anexo1.

em fase de aquisição e fala as duas línguas e a mais nova tem menos de 6 meses). Em casa costuma falar também em português com os filhos devido às recomendações da fonoaudióloga da creche da universidade, onde costuma deixar seus filhos. Tem contato com brasileiros nas aulas de pós-graduação e com professores e orientadores. Demonstra muito interesse pela aprendizagem da língua portuguesa. Intervalo de 18 meses entre as duas entrevistas.

2.1.2 Informante 2

Peruano, 24 anos, mestrando em ciências da computação pelo IME. Apresenta conhecimento intermediário em inglês (nas quatro competências). Na infância teve contato com a língua italiana. Estudou português durante dois anos sozinho, e fez 2 meses de curso de português antes de vir ao Brasil. Estava há oito meses no país na ocasião da primeira entrevista. Tem muito contato com colegas brasileiros. Morava em uma república com alguns amigos falantes de espanhol e brasileiros (maioria de brasileiros). À época da 1ª. entrevista, estava cursando o nível avançado do curso de português. Intervalo de oito meses entre as duas entrevistas.

2.1.3 Informante 3

Peruana, 26 anos, mestranda em ciências da computação. Apresenta conhecimento básico de inglês (nas quatro competências). Começou a estudar português quando chegou ao Brasil. Estava há um ano e meio no país e havia terminado o curso de português para estrangeiros (nível intermediário). Mora com colegas peruanos e tem contato com os brasileiros na universidade.

2.1.4 Informante 4

Chileno, 28 anos, doutorando em fisiologia humana. Possui conhecimento avançado de inglês, tendo contato na infância com essa língua. Estudou português antes de vir ao Brasil. Estava no país há quase 1 ano na ocasião da primeira entrevista e cursava o nível intermediário de português. Morava com a família de sua esposa – todos brasileiros. Tem muito contato com brasileiros.

2.2 Questionário

A fim de verificar quais seriam as dificuldades provocadas pela semelhança entre as línguas na opinião dos informantes, elaboramos duas perguntas voltadas ao tema da proximidade entre as línguas, cujas respostas estão transcritas abaixo:

1ª. questão	<i>Você considera a semelhança entre as duas línguas um fator positivo ou negativo para a aprendizagem da língua portuguesa? Explique</i>
Informante 1	São muito parecidas na estrutura da oração, mas dá para confundir quem está aprendendo, tem muitas palavras parecidas. Mas você tem que se esforçar para saber quais as palavras são iguais ou não. Mas acho que é mais fácil para nós que falamos espanhol que para os outros.
Informante 2	As duas. Tem a mesma estrutura, mas causa a falsa sensação de segurança. Você acha que está falando mas não está
Informante 3	Por um parte, a semelhança ajuda no entendimento mais rápido do idioma, por outro lado no início é muito comum misturar os dois idiomas.
Informante 4	É absolutamente positivo, porém sempre e quando o nível de espanhol seja também avançado pois muitas palavras que em espanhol são corretas não são em português. O exemplo clássico disto é o passado do verbo “andar” em espanhol que é anduvo e não andou como é em português.

2ª. questão	<i>Para você, quais são as maiores semelhanças e as maiores diferenças entre as línguas?</i>
Informante 1	Os acentos, é muito diferente, às vezes a palavra é a mesma, mas os acentos são diferentes.
Informante 2	Maior semelhança é a estrutura. Diferenças: algumas palavras e o som z.
Informante 3	diferença na pronúncia
Informante 4	As maiores semelhanças são as palavras mesmas onde boa parte delas são muito parecidas. O ponto de maior diferença, mais que a escrita é a fonética, onde, embora muitas palavras sejam parecidas, a fonética ao ser diferente pode e muda totalmente o sentido destas e muitas palavras.

Todos consideram a proximidade como um fator positivo por facilitar o entendimento e a comunicação, principalmente na fase inicial. Contudo, os estudantes demonstram ter consciência das dificuldades que podem ser geradas pela semelhança entre as línguas. Entre as diferenças apontadas por eles, destaca-se a diferença entre os sons.

Cabe destacar que a maioria pontua a semelhança de estrutura, além de citar a semelhança entre as palavras, como diz a Informante 1 “as palavras são as mesmas”. Sabemos que o português e o espanhol compartilham boa parte dos vocábulos, visto que compartilham 85% do léxico (ULSH, 1971; apud ALMEIDA, 1995), daí a sensação de que se tratam das mesmas palavras. O Informante 4 cita que a diferença fonética é maior que a escrita. A comparação entre a escrita e a fala ocupa um lugar importante no processo de aquisição. Akerberg (1998) ressalta a importância da escrita para o aprendizado da pronúncia; segundo a autora, frequentemente o aluno recorre à memória escrita da palavra durante o processo de percepção dos sons da L2. Sendo assim, é pertinente considerarmos a influência da escrita, já que estamos trabalhando com dados referentes a indivíduos letrados.

2.3 Dados sobre a instituição

O curso ministrado no Centro de Línguas da Universidade de São Paulo¹⁰ entre 2009 e 2010 era dividido em três níveis:

a- Introdutório – denominado Nível A - voltado para alunos que ingressam no Brasil com pouca ou nenhuma noção da língua portuguesa.

b- Intermediário – denominado Nível B - geralmente uma turma, mas heterogênea, pois nem sempre os alunos apresentam a mesma competência na língua.

c- Avançado – denominado Nível C - para falantes com certa fluência e boa capacidade de comunicação.

Havia um processo seletivo composto por uma entrevista oral. Geralmente os falantes de espanhol ingressavam no nível intermediário ou avançado devido à facilidade em um estágio inicial. É relevante destacar que as turmas eram heterogêneas devido ao número reduzido de níveis (apenas três), muitas vezes, havia alunos em níveis avançados e alunos em níveis intermediários em uma mesma turma. Os Informantes cursaram o nível Intermediário ou Avançado. As aulas atualmente são ministradas por educadores do Centro de Línguas ou por monitores – estudantes de pós-graduação da Universidade de São Paulo.

2.4 Entrevistas

Conforme define Major (1987), o estilo pode ser classificado em formal ou casual. O contexto formal refere-se à situação em sala de aula e leitura de palavras, já o casual seria o ambiente extra-classe. Buscando dados constituídos por contextos formais e informais, dividimos as entrevistas em duas etapas: entrevista espontânea e leitura de palavras isoladas, frases e texto.¹¹

¹⁰ Informações atuais sobre estrutura e oferecimento do curso disponíveis no site: www.fflch.usp.br/cl

¹¹ Verificar em anexos 2 e 3.

Foram realizadas duas entrevistas com cada Informante. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos Informantes, em lugares de sua preferência – em todos os casos dentro da própria universidade. Houve um intervalo de 18 entre a primeira e a segunda entrevista da Informante 1, e intervalo de 8 meses entre as entrevistas dos demais Informantes.

2.4.1 O corpus

As entrevistas foram gravadas utilizando-se um aparelho digital que garante a melhor qualidade do som, além de possibilitar a transferência direta para o computador. Foram realizadas as transcrições ortográficas e fonéticas - seguindo-se o Alfabeto Fonético Internacional (IPA)¹². As gravações possuem, em média 30 minutos, dos quais optamos por transcrever trechos – com duração de 5 a 7 minutos – situados no meio da entrevista. Acreditamos que no início da entrevista o informante possa se encontrar um pouco tenso, já no final, corre-se o risco de o informante estar demasiadamente relaxado, desse modo, concluímos que a fase intermediária possa apresentar dados mais próximos à realidade de uma conversa espontânea.¹³

2.4.2 Organização dos dados

Após a realização da transcrição ortográfica e fonética, foram elaboradas tabelas com os dados referentes à produção dos segmentos analisados: vogal médio-aberta anterior, vogal médio-aberta posterior e vogais nasais. Cada tabela se refere a um Informante, classificada como 1ª. ou 2ª. entrevista, além das definições *Entrevista* e *leitura*.

¹² Verificar modelo das transcrições ortográficas e fonéticas em anexos 4 e 5.

¹³ As gravações e as transcrições fonéticas estão disponibilizadas em um CD anexado à dissertação.

Capítulo 3

Sistemas Fonético-Fonológicos do Português e do Espanhol

Nesse capítulo, apresentamos a análise do quadro fonético-fonológico do português em contraste ao quadro fonético-fonológico do espanhol. Iniciaremos com uma breve descrição do sistema consonantal. Em seguida, passaremos à descrição do sistema vocálico.

Como o foco da nossa pesquisa é a aquisição das vogais do português, realizaremos uma descrição mais detalhada do sistema vocálico, considerando não só a comparação entre ambos os sistemas, como também a análise da origem e do percurso histórico das línguas em questão.

Para facilitar a análise comparativa entre o sistema fonético-fonológico do português e do espanhol, trabalharemos com o espanhol geral, como é definido por Quilis (1999): trata-se de um quadro geral, que tenta agregar o maior número possível de variantes. A língua espanhola é falada por cerca de 300 milhões de pessoas, além de ser a língua oficial de 21 países, ocupando a posição de 3ª. língua mais falada no mundo. Como há inúmeros casos de variação que afetam todos os níveis linguísticos, desprezar as ocorrências de variantes no nível fonético-fonológico pode prejudicar o resultado de nossa análise, desse modo, serão considerados os casos de variantes que sejam relevantes a nossa pesquisa.

3.1 Quadros Fonéticos do Português e do Espanhol

Seguem os quadros fonéticos do português e do espanhol:

Quadro Fonético do Português¹⁴

	Bilabial	Lábio-dental	Coronal Dental	Coronal Alveolar	Coronal Pré-palatal	Retro flexa	Dorso-palatal	Dorso-velar	Uvular
Oclusiva	p b			t d			c ɟ	k ɡ	
Africada					tʃ dʒ				
Fricativa	β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ			x ɣ	
Nasal	m			n			ɲ		
Lateral				l			ʎ	ʟ	
Flap				ɾ					
Trill				r					R
Aproximante	w					ɻ	j		
V. alta	(u)				i ɨ			u ʊ	
V.m.alta	(o)				e ẽ			o õ	
V.m.baixa					ɛ		ɜ ẽ	ɔ	
	(ɔ)								
V. baixa							a		

Além desses segmentos, consideraremos também as fricativas glotais desvozeada **h** e vozeada **ɦ**, encontradas em alguns dialetos brasileiros.

Quadro Fonético do Espanhol¹⁵

	Bilabial	Lábio-dental	Coronal Dental	Coronal Alveolar	Coronal Pré-palatal	Dorso-palatal	Dorso-velar
Oclusiva	p b			t d		c ɟ	k ɡ
Africada					tʃ dʒ		
Fricativa	β	f	θ ð	s	ʃ ʒ	ɲ	x
Nasal	m	ɱ		n		ɲ	ŋ
Lateral				l		ʎ	
Flap				ɾ			
Trill				r			
Aproximante	w						
V. alta	(u)				i ɨ		u ʊ
V.m.alta	(o)				e ẽ		o õ
V.m.baixa							
V. baixa						a ă	

Além desses segmentos, consideraremos também a fricativa glotal desvozeada **h**, a nasal interdental sonora **ɲ**, a nasal dental sonora **ɳ**, a nasal álveo-palatal sonora **ɲ̃**, a lateral dental sonora **ɭ**, a lateral interdental sonora **ɮ** e a lateral álveo-palatal sonora **ɮ̃**.

¹⁴ Quadro elaborado por Ferreira Netto (2001, p. 58).

¹⁵ Quadro elaborado com base em Quilis (1997), Dias Martins (2000) e Dutra (2008).

3.2 As consoantes do português e do espanhol

Observamos que, de acordo com os quadros acima, o português apresenta 33 segmentos consonantais e o espanhol apresenta 36 segmentos consonantais. Dentre os 36 segmentos do espanhol 72% também ocorrem no português, enquanto 76% dos segmentos do português também ocorrem no espanhol.

Considerando a AC, a partir da análise dos números acima, poderíamos afirmar que o falante de espanhol apresentaria dificuldade para produzir 24% dos segmentos consonantais do PB. Porém, é necessário considerar o ambiente em que ocorrem determinados segmentos, pois, embora haja coincidência em 74% dos segmentos, nem sempre eles ocorrem no mesmo ambiente fonológico, além disso, devemos considerar os processos de alofonia e/ou distribuição complementar. Destacamos os segmentos que costumam causar maior dificuldade aos aprendizes de português falantes de espanhol¹⁶:

I. O segmento /v/ ocorre no sistema do português e representa um segmento com valor distintivo no português, porém não ocorre no espanhol com valor distintivo. Cabe ressaltar que /b/ e /v/ eram segmentos distintos em galego-português e continuam no português atual (TEYSSIER, 2007). Contudo, na língua espanhola, essa distinção não ocorre; ainda que exista o grafema <v>, assim como o grafema , ambos representam o segmento /b/.¹⁷

A aquisição da fricativa lábio-dental vozeada pode causar certa dificuldade ao aprendiz, já que o que se escreve com o grafema <v>, para os falantes de espanhol pronuncia-se como [b] ou como o alofone [β], quando este se encontra em posição intervocálica.

¹⁶ Experiências do professor.

¹⁷ Cabe ressaltar que, em determinadas regiões, é possível ocorrer o segmento /v/ como um alofone, portanto, não apresenta valor distintivo como no português.

vivir [bɨβir]

vecino [becino]

II. O segmento /z/ está presente no português, mas no espanhol não há esse segmento distintivo, apenas a contraparte desvozeada /s/.

Podemos citar, ainda, o processo fonético de vozeamento da fricativa coronal alveolar diante de consoante vozeada, em posição de coda no português:

Ex.: *mesmo* [mezmu]

Normalmente o falante de espanhol não perceberá esse processo fonético, mesmo porque ele é inconsciente ao nativo de PB, e produzirá a fricativa coronal alveolar desvozeada: [mesmu]

III. Os segmentos /tʃ/ e /dʒ/ ocorrem no português como alofones dos segmentos /t/ e /d/ em distribuição complementar em algumas regiões (como no sudeste, por exemplo) pelo processo de palatalização:

/t/ → [tʃ]/ _____ [i]

[t]/ demais contextos

/d/ → [dʒ]/ _____ [i]

[d]/ demais contextos

enquanto que no espanhol o segmento /tʃ/ é distintivo e é representado pelo dígrafo <ch>:

chile [tʃile]

e o segmento /dʒ/ representa uma variante do segmento /ʎ/, sendo representado pelos grafemas <ll> e <y>:

ella [edʒa]

yo [dʒo]

IV. Segmento /l/. Quando esse segmento ocorre em final de sílaba, no português, pode ser velarizado [ɫ] ou ser produzido como a semivogal /w/, processo que ocorre em grande parte do país, como, por exemplo, ocorre na região sudeste.

sol [sɔɫ] ~ [sɔw]

cálcio [kaɫsjo] ~ [kawsjo]

Em espanhol, esse segmento é realizado como a lateral coronal alveolar diante de pausa e diante de qualquer consoante que não seja: /t/, /d/, /θ/ e /tʃ/. Diante de /t/ e /d/ ocorre a lateral dental sonora; diante de /θ/, ocorre a lateral inter-dental sonora, e diante de /tʃ/, ocorre a lateral alveo-palatal.

mal [mal]

el aire [elaᵛre]

calzar [kaɫθaɾ]

toldo [toɫdo]

el chico [eɫtʃiko]

É esperado que o falante de espanhol passe a transferir a lateral coronal alveolar e seus alofones para a realização da lateral velarizada ou da semivogal.

Como vimos anteriormente, nosso estudo tem como objetivo descrever apenas a aquisição do sistema vocálico do português como L2 por falantes de espanhol. Contudo, nos pareceu pertinente elencar os casos de dificuldades acima, a fim de facilitar a compreensão das transcrições fonéticas de nosso *corpus*, visto que é provável que os casos de transferências citados acima surjam em nossos dados.

3.3 As vogais do português e do espanhol

Quando se compara os sistemas vocálicos do português e do espanhol, ressalta-se que o português apresenta 7 vogais orais e 5 vogais nasais em contraste com o sistema do espanhol que apresenta apenas 5 vogais orais. Considerando também os alofones, temos o seguinte sistema vocálico do português e do espanhol:

Português

i	u	ũ
e	ẽ	o
ɛ		õ
	ɜ	ẽ
	a	

Espanhol

i	ĩ	u	ũ
e	ẽ	o	õ
	a	ã	

Como se pode observar, a língua espanhola apresenta cinco vogais orais e cinco vogais nasais fonéticas – alofones em distribuição complementar, enquanto que a língua portuguesa apresenta sete vogais orais, cinco vogais nasais e um alofone em distribuição complementar – a vogal central média-baixa /ɜ/.

Constatamos que, ao estudar a língua portuguesa, o aprendiz de língua espanhola encontrará vogais inexistentes em sua língua. Considerando pressupostos da AC, podemos afirmar que a aquisição dessas vogais causará muita dificuldade aos aprendizes falantes de espanhol, não só pela inexistência no sistema fonético-fonológico de sua língua, mas também pela possibilidade de esses fonemas tornarem-se imperceptíveis; como ressalta Grannier (2004), a dificuldade de percepção entre as vogais abertas e fechadas do português configura uma das dificuldades mais comuns

dos falantes de espanhol. Como a distinção entre as vogais abertas e fechadas, do ponto de vista articulatorio, dá-se apenas pelo grau de abertura – como veremos mais adiante – portanto, podemos afirmar que são segmentos muitos próximos. Segundo Major (1987), o aprendiz vai inconscientemente perceber os fonemas semelhantes como idênticos¹⁸, deste modo é possível dizer que a proximidade pode tornar a diferença na produção desses fonemas inaudível ao aprendiz falante de espanhol.

3.3.1 Vogais orais

As vogais se diferenciam pela posição da língua e pelo grau de abertura; o espanhol apresenta duas vogais posteriores e duas anteriores. Já o português apresenta três vogais anteriores e três posteriores. O português apresenta um grau a mais de abertura, constituindo as chamadas vogais médio-abertas: [ɛ] e [ɔ]. Em geral, os aprendizes falantes de espanhol não conseguem notar a diferença entre e [sew] [sew] - um par mínimo do português: <seu> e <céu> . Será um desafio para o aprendiz adquirir a competência de distinção entre esses dois sons; geralmente, ele realiza um processo de transferência para os graus de abertura que existem no quadro fonológico de sua L1. Desse modo, ocorre um processo de neutralização dos graus de abertura médio-alto e médio-baixo do português, e o falante não percebe que poderá estar alterando o sentido da palavra.

O mesmo ocorre com o segmento [ɔ]: o falante de espanhol não consegue identificar o grau de abertura médio-baixo, ao ouvir uma palavra como <nó> [nɔ]. É provável que o falante de espanhol substitua o segmento [ɔ] pelo segmento

¹⁸ Cf. Similaridade Fonológica, cap. 1, item 1.5.6 .

[o], ocorrendo então um processo de transferência negativa, com a neutralização dos graus de abertura médio-alto e médio-baixo.

É importante destacar que há pequenas variações de abertura e fechamento das vogais na língua espanhola, como por exemplo: [s̺ɛ̺rto], nesse caso há um pequeno grau de abertura na vogal que antecede a consoante /r/.

Garrido (1998) afirma que, nesse ambiente, diante da consoante /r/, a primeira vogal apresenta maior grau de abertura, denominada *vocales semi-abiertas* - , e não representa valor distintivo; trata-se de um alofone.

Segundo Navarro Tomás (1957, apud QUILIS, 1999) a vogal médio-alta posterior apresenta maior grau de abertura em contato com [r]; antes de [x]; com o ditongo decrescente e em sílaba travada consoante: como [kore], [koxe], [sɔl] e [bojna]. A vogal médio-alta anterior apresenta maior grau de abertura em contato com [r]; antes de [x]; com o ditongo [ei]; e em sílaba travada com consoante diferente de [m], [n], [s], [d] e [z], como <perro> [pero], <cejo> [s̺exo], <ley> [l̺ei] e <cerdo> [s̺erdo].

Navarro Tomás (1957, apud QUILIS, 1999) também ressalta a possibilidade de ocorrência de vogais abertas nos casos citados acima que estariam em distribuição complementar. Já Quilis (1999) ressalta que a maioria dos estudiosos do espanhol considera que a quantidade de realizações dessas vogais mais abertas é muito reduzida e apresentam graus de abertura ou fechamento não muito grandes e por isso não muito significativos, portanto considera que o espanhol conta com cinco vogais orais que possuem alofones nasais, apenas.

Contudo, consideraremos a questão da alofonia em distribuição complementar em nossa análise, pois variações de grau de abertura, ainda que sejam reduzidas, como

afirma Quilis (1999), podem influenciar no processo de aquisição das vogais abertas do português, visto que os modelos teóricos que embasam nossa pesquisa compreendem a transferência de processos fonológicos e estamos analisando vogais que se diferenciam pelo grau da abertura, do ponto de vista articulatorio.

3.3.2.1. Vogais orais: um breve percurso histórico

Assim como o espanhol, o português originou-se do latim vulgar. Contudo, as línguas sofreram processos distintos que podem explicitar seus contrastes.

A origem das vogais do espanhol e do português tem como ponto de partida o latim vulgar com 5 vogais orais, todas com distinção de duração:

ī ĭ ē ě ā ă ō ŏ ũ ū

Além disso, o latim possuía os seguintes ditongos: *ae*, *oe*, *au* e *eu* (COUTINHO, 1954, apud FERREIRA NETTO, 2001).

Partindo dessas 10 realizações das vogais do latim, ocorre no espanhol o seguinte processo:

- Em posição tônica a língua espanhola passa a produzir 5 vogais orais, além dos ditongos: /ie/ e /ue/

Extraído de López (1999, p.47)

- Em posição pré-tônica seguem as cinco vogais orais:

Extraído de López (1999, p.48)

- Em posição pós-tônica final reduz-se o quadro a três realizações:

Extraído de López (1999, p.48)

Já o português, em posição tônica, apresenta 7 vogais:

Observamos que há duas possibilidades inexistentes no espanhol. Segundo Ramírez (1986), o que difere a língua espanhola das demais línguas neolatinas em relação ao sistema vocálico é a redução da quantidade vocálica e expressivo surgimento de ditongos. Esses fenômenos, em parte, estão relacionados: as vogais /ɛ/ e /ɔ/ do latim vulgar deram origem aos ditongos crescentes *ie* e *eu*. Esse processo de ditongação não ocorre no português, como cita Teyssier (2007): o galego-português ignorará essa ditongação e passará a produzir as vogais orais abertas, oriundas das vogais breves do latim [ĕ], do ditongo /æ/ e [ŏ].

Observemos os exemplos abaixo, extraídos de Ferreira Netto (2001, p.123 -124):

fīcu > f[i] a	pāce > p[a]z
šīccu > s[e]co	lātu > l[a]do
rēte > r[e]de	rōsa > r[ɔ]sa
fædum > f[e]io	sapōre > sab[o]r
dēce > d[ɛ]z	gūtta > g[o]ta
cæcum > c[ɛ]ja	secūru > seg[u]ra

Já a possibilidade de realizações de vogais em posição pré-tônica coincide:

i	u
e	o
a	

Outra diferença é o quadro de realizações das vogais em posição pós-tônica final. Segundo aponta Silva (1999), na grande maioria dos dialetos do português brasileiro, as vogais postônicas mediais que ocorrem em estilo formal como [i,a,u] são reduzidas respectivamente a:

ɪ	ʊ
ə	

O espanhol não apresenta a possibilidade da realização da vogal posterior /u/ em posição pós-tônica, portanto não há a possibilidade de ocorrer o abaixamento para /ʊ/.¹⁹

¹⁹ Vale ressaltar que em nossa transcrição fonética não apontaremos as vogais reduzidas, pois seguiremos o modelo de transcrição proposto por Ferreira Netto (2001).

3.3.2 Vogais Nasais

Além das vogais orais médio-abertas, podemos observar que a língua espanhola não apresenta em seu sistema fonológico vogais nasais, porém as apresenta em seu sistema fonético. Segundo Quilis (2000), a língua espanhola apresenta 5 vogais nasais alofones do espanhol: [ĩ, ĩ̃, ã, õ, ũ]. As vogais nasais como alofones ocorrem quando a vogal está entre duas consoantes nasais ou quando está em posição absoluta, início de palavra, e seguida de consoante nasal: <mano> [mãno]; <nino> [nĩno]; <anterior> [ãnterior].

No entanto, Martins (2000) ressalta que não se trata do mesmo processo que ocorre no português, porque as vogais não são tão nasalizadas, ou seja, podemos dizer que menos ar é expelido pela via nasal, em comparação ao que ocorre na produção das vogais nasais do português. Por isso, o autor as denomina como *oronasales*, que pode ser traduzida como *orais-nasais*. As orais-nasais do espanhol são alofones das vogais orais, portanto, não apresentam valor distintivo. Como diz Akerberg (1998), as nasais do espanhol são condicionadas pelo ambiente e por isso o falante não tem consciência de sua existência.

É relevante também considerar as características acústicas das vogais, segundo Medeiros e Demolin (2006):

Por ação de um articulador do trato oral, ou seja, pelo abaixamento do véu palatino, cria-se um acoplamento de tubos de ressonância, cujo som da fala chega aos nossos ouvidos como som vocálico nasal. Esta qualidade de som nasal ou nasalizado, ou seja, a qualidade da nasalidade, é o resultado da passagem de ar pela cavidade nasal. No caso das vogais nasais, o que ocorre é que parte do ar passa pela cavidade oral e parte pela cavidade nasal, daí o acoplamento de tubos. (2006, p.132)

Quilis (2000) descreve as diferenças entre as vogais orais e nasais como:

- a) orais: o véu palatino está aderido à parede faríngea, o ar fonador sai pela boca

- b) nasais: o véu palatino não está aderido à parede faríngea, o ar sai simultaneamente pela boca e pela cavidade nasal. (2000, p. 39)

Como vimos, em ambos os casos, há a passagem de ar pela cavidade nasal. Quilis (2002) define que os sons nasais em coda silábica em meio de sílaba levam a “assimilação regressiva”: é produzida uma antecipação da posição articulatória dos órgão fonadores por conta da imediata pronúncia do som seguinte.

Akerberg (1998) ressalta, ainda, que quando os aprendizes de português falantes de espanhol têm acesso a palavras escritas com a vogal fechada por consoante nasal, associam à pronúncia do espanhol, isto é, vogal oral seguida por nasal, ocorrendo então a assimilação do traço nasal criando a *oral-nasal*, como define Martins (2000).

Já no português a questão das vogais também gera controvérsias entre os estudiosos, discute-se se o português apresenta vogais nasais ou nasaladas. Segundo Ferreira Netto (2001) a nasalidade na língua portuguesa tem sido um dos aspectos mais polêmicos das análises fonológicas.

Câmara Jr.(1970) afirma que não existem vogais nasais e sim a assimilação da nasalidade das consoantes nasais. Para Câmara Jr. (1970) existe um arquifonema nasal /N/ que acarreta a ressonância nasal nas palavras que apresentaram a queda da consoante nasal presente no latim : *lana* > *lãa*> *lã*. Além disso, pontua que há dois tipos de nasalidade: a nasalidade fonológica e a ocorrente por assimilação do traço nasal. Por exemplo, podemos opor *junta* [ʒũta] a *juta* [ʒuta] ou *cinto* [sĩtu] a *cito* [situ], esses dados referem-se a um processo de nasalidade diferente do que ocorre em *tema* ou *ano*, em que, segundo o autor ocorre uma pronúncia levemente nasal. Pasca (2003) define os casos de nasalidade obrigatória – quando a vogal precede uma consoante nasal na mesma sílaba, como *junta* e *cinto* – e como nasalidade fonológica os casos em que a vogal recebe a nasalidade da consoante que ocupa o *onset* da sílaba seguinte, como *tema* e *ano*.

3.3.2.1 Vogais nasais do português: um breve percurso histórico.

Para Ferreira Netto (2001), o percurso histórico pode ser muito esclarecedor para entendermos a questão das vogais nasais. Segundo o autor, as vogais nasais têm origem na consoante oclusiva nasal coronal [n], que seguiu o mesmo percurso das consoantes sonoras. As consoantes sonoras, de maneira geral, mantiveram-se apenas após sílaba travada ou em posição inicial de palavra e quando ocorriam em posição intervocálica eram suprimidas²⁰. Desse modo, a elisão da consoante nasal promovia o nasalamento da vogal que a precedia.

Observem-se os exemplos:

lana	>	lãa	>	lã
canes	>	cães		
manu	>	mão		
vanu	>	vão		
iliunu	>	jejũu	>	jejũ > jejum
sonu	>	sõo	>	sõ > som

Exemplos extraídos de Hauay (2008, p.59).

Observe-se nos exemplos abaixo que esse processo de nasalização da vogal não ocorreu no espanhol:

lana > lana

manu > mano

vanu > vano

sonu > sonido

A consoante nasal permanece e o que ocorre é a assimilação do traço de nasalidade constituindo os alofones nasais, com vimos acima.

²⁰ Para maiores informações sobre o percurso histórico das consoantes sonoras, consultar Ferreira Netto (2001).

3.3.2.2 A nasalidade das vogais no português

Segundo Câmara Jr (1970), a nasalidade pura da vogal não existe fonologicamente em português, pois não há oposição entre vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal pós-vocálica. Essa nasalidade pura, segundo o autor, ocorre no francês, em que /bõ/, grafado como *bon*, se opõe a /bõn/, grafado como *bonne*.

Ferreira Netto (2001) também aponta a falta de oposições entre vogais nasais e orais em ambientes perfeitamente idênticos. Em casos como: [xĩ^j] e [xi], [kõ^wtu] e [kotu], [lẽndu] e [ledu] as vogais nasais manifestam uma ressonância nasal com o mesmo ponto de articulação da vogal.

Contudo, Ferreira Netto (2001) apresenta estudos de Aragão (1977, apud FERREIRA NETTO, 2001) que apontam a não ocorrência da ressonância nasal, como, por exemplo, nas realizações [vĩti] para *vinte* e [atuawmẽti] para *atualmente*, referentes ao falar paraibano.

Silva (1999) também transcreve as vogais nasais sem a ocorrência da ressonância nasal. Contudo, ressalta o estudo de Cagliari (1977, apud SILVA, 1999), de que ocorre um elemento nasal após vogal nasal. Segundo Cagliari (1977; apud Bisol 1999), a sequência VN pode ser pronunciada como uma vogal nasal; como uma vogal nasal seguida de consoante homorgânica à vogal; ou como uma vogal nasal seguida de consoante homorgânica à consoante seguinte. Desse modo, Bisol (1999), ao analisar a palavra *canto*, aponta essas três possibilidades: [kẽntu], quando a nasal recebe o traço da consoante seguinte; [kẽŋtu], quando ao em vez de receber o traço articulatorio da consoante precedente, receber o traço da vogal, e [kẽtu], quando ocorre o apagamento.

Cabe destacar que, em espanhol, a consoante nasal em coda silábica, como em *campo* e *hablan*, sempre será produzida. Além disso, quando ocorre em posição de coda em meio de palavra, há assimilação do traço articulatorio da consoante seguinte e são produzidos alofones dos segmentos nasais /m/ e /n/²¹:

- [m] bilabial antes de [b] [p] [m]: *campo, bomba, un mes.*
- [m̥] labiodental antes de [f] : *infame*
- [ɱ] nasal interdental sonora antes de [θ]: *Lanza*²²
- [ɲ] antes de [t] [d] : *diente, donde.*
- [ɲ̃] nasal álveo-palatal sonora antes de consoante palatal: *um Chico*
- [ŋ] nasal dorso-velar antes de [k] [g] [x] : *un cuento, tango, ajenjo*

3.3.2.3 Tonicidade da vogais nasais no português:

Vogais tônicas nasais, extraídos de Silva²³ (1999, p. 91):

[ĩ]	vim	[ˈvĩ]	cinto	[ˈsĩtu]
[ẽ]	não há		cento	[ˈsẽtu]
[ã]	lã	[ˈlã]	santo	[ˈsãtu]
[õ]	tom	[ˈtõ]	conto	[ˈkõtu]
[ũ]	jejum	[ʒeˈʒũ]	assunto	[aˈsũtu]

De acordo com Silva (1999), as vogais nasais podem aparecer em posição tônica, como vimos no casos acima, gerando casos em que se pode causar diferença de significado como: *lã/ lá; mito/minto; cadeia/candeia* (1999, p. 930). Além disso, segundo a autora, podem aparecer em posição pretônica, como em c[ã]ntora e em posição postônica como em ím[ã].

²¹ Os casos de alofonia das vogais nasais serão desconsiderados em nossa análise, pois não são relevantes à nossa pesquisa. Nos interessa, apenas verificar se ocorre ou não a realização da nasal e se a vogal assimilará o traço nasal.

²² Essa variante não ocorre no espanhol americano.

²³ Silva (1999) opta por transcrever a vogal central baixa nasalizada [ã] e por apontar a redução da vogal postônica [u], diferenciando-se da transcrição adotada em nosso estudo, que segue o modelo proposto por Ferreira Netto (2001).

Silva (1999) postula duas denominações: *nasalização*, para os casos em que a vogal nasal ocorre obrigatoriamente em qualquer dialeto do português, e *nasalidade*, para os casos em que a vogal nasal marca apenas uma variação dialetal.

Consideraremos então: *nasalização* os casos em que a vogal nasal ocupa a posição tônica e quando precede uma consoante nasal em posição de coda, e *nasalidade* os casos em que não se encontra em posição tônica e precede uma consoante nasal em posição de ataque. Observemos a palavra *banana*, nesse caso, a vogal que ocupa a posição tônica sofre *nasalização*, pois será obrigatoriamente uma vogal nasal em qualquer dialeto do português, já a vogal que ocupa a posição pretônica pode ser nasal ou não, portanto, trata-se de um caso de *nasalidade*: [banẽna] ou [bẽnẽna].

3. 4 Os ditongos nasais

De acordo com Silva (1999), os ditongos nasais em português são decrescentes e constituem uma sequência de [vogal nasal – glide].

Possibilidades de ditongos nasais em português:

[ẽj]	mãe
[õj]	põe
[ũj]	muito
[ẽj]	bem
[ẽw]	pão

Os ditongos [ẽj], [õj] e [ũj] ocorrem sempre em sílabas tônicas. E os ditongos [ẽj] e [ẽw] podem ocorrer em sílabas tônicas ou átonas.

Silva (1999) ressalta que há casos de ditongos nasalisados em português, casos que marcam variação dialetal, como por exemplo: Rora[ɜj]ma, e p[ɜj]neira - típica da região de Belo Horizonte; contudo em Boa Vista, pronuncia-se Ror[aj]ma e p[aj]neira.

Outra observação importante da autora é a impossibilidade da ocorrência de ditongo decrescente precedendo a consoante nasal palatal /ɲ/, como em *rainha* e *bainha*, portanto, não haverá ditongo nasal diante do segmento /ɲ/.

3.5 Considerações da fonética acústica acerca das vogais nasais

Nossa pesquisa terá como base a análise articulatória, contudo, cabe ressaltar aspectos da fonética acústico-articulatória. Como vimos anteriormente, a realização das nasais está associada à posição do véu palatino.

Pasca (2003) ressalta as três possibilidades de liberação do ar que vem dos pulmões: somente pela cavidade oro-faríngea (sons orais), parcialmente pela cavidade oral e pelas cavidades nasais quando há acesso parcial às cavidades nasais, e totalmente pelas cavidades nasais quando há obstrução da cavidade oral (gerando sons totalmente nasais). O papel do véu palatino, nesse processo, é controlar o acesso do fluxo de ar às cavidades nasais, quanto maior a abertura do canal nasal durante a articulação de uma nasal, mais intensa será a ressonância nasal (PASCA, 2003).

Do ponto de vista da fonética acústica, Pasca (2003) afirma que as vogais são resultado da ressonância da cavidade oro-faríngea; as cavidades nasais representam um canal lateral em relação à cavidade oro-faríngea:

Esse canal lateral adiciona não apenas novas ressonâncias, mas também antirressonâncias; são os polos e zeros, respectivamente. Os zeros, ou antirressonâncias, servem para amortecer ou cancelar qualquer energia de ressonância que esteja situada perto das suas frequências. Os polos e zeros produzidos pelas cavidades nasais interagem com os formantes produzidos pela ressonância da cavidade oro-faríngea. O resultado é uma produção acústica complexa, em que

os componentes das cavidades diferentes, mas inter-relacionadas não podem ser distinguidos imediatamente. Acusticamente, as vogais nasais não são apenas vogais orais com uma ressonância nasal sobreposta (2003, p.28-29).

A autora ressalta ainda a complexidade na definição acústica das nasais, pois há caracterizações divergentes na literatura; contudo, afirma que os principais sinais de nasalização de uma vogal são encontrados como modificações espectrais nas frequências mais baixas.

A fim de comparar a realização acústico-articulatória da nasalidade em português e espanhol, vejamos alguns exemplos de realizações extraídos do estudo de Sandes (2010):

Figura 01 – produção de *santo* por um falante nativo da língua brasileira- PB. (SANDES, 2010, p.

200)

Figura 02 - produção de *também* por um falante nativo da língua brasileira - PB. (SANDES, 2010, p. 201)

Figura 03 - produção de *campo* pelo nativo de língua espanhola . (SANDES, 2010, p.204)

Figura 04 - produção de *también* pelo nativo de língua espanhola . (SANDES, 2010, p. 205)

Segundo Sandes (2010), para verificar a ocorrência de nasalização das vogais, é necessário observar a posição dos seus formantes. O primeiro formante (F1) se relaciona ao modo de articulação – quanto maior a abertura da cavidade, mais alta a frequência. O segundo formante (F2) refere-se ao lugar de articulação: posições anterior, central ou posterior da língua – quanto mais anterior estiver a língua, mais alta será a frequência de F2. Por fim, o terceiro formante (F3) relaciona-se à posição do véu palatino – quanto mais nasalizada a vogal, mais altas são as frequências de F3, indicando que o véu palatino está abaixado e, portanto, o ar está saindo pela cavidade nasal. Os exemplos acima demonstram a diferença entre a produção das vogais nasalizadas no português e no espanhol.

Capítulo 4

Considerações sobre a aquisição do português como L1

Neste capítulo, com base nos estudos coordenados por Regina Lamprecht (2004), pontuamos questões acerca da aquisição do português como L1 relevantes à nossa pesquisa.

4.1 Aquisição das vogais do português como L1

Antes de focarmos a aquisição das vogais, cabe aqui colocarmos algumas considerações sobre a aquisição da fonologia.

4.1.1 Variações individuais

Segundo Lamprecht (2004), a construção do sistema fonológico dá-se de forma semelhante para todas as crianças, e em etapas que podem ser consideradas iguais. Contudo, há variações individuais, que podem ser bastante acentuadas. A variação pode ocorrer tanto em termos de idade, quanto nos caminhos percorridos para se atingir a produção adequada.

4.1.2 Regressão do desenvolvimento fonológico

A autora pontua que, de acordo com o resultado de diversos trabalhos analisados²⁴, ao contrário do que se poderia supor, o desenvolvimento fonológico não se dá numa progressão constante. Não se trata de um movimento linear, há descontinuidades.

²⁴ Esse estudo organizado por Lamprecht (2004) tem como base o conjunto de produção científica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), desde 1993, no âmbito do Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem (CEAAL).

4.1.3 Estratégias de reparo

Referem-se às estratégias adotadas pelas crianças para adequar a realização do sistema alvo ao seu sistema fonológico, ou seja, referem-se àquilo que as crianças produzem em lugar aos segmentos ou estruturas silábicas que ainda não conhecem, como a dessonorização da obstruinte em <abre> [api] e a epêntese em <brabo> [baRabu].

4.2 Aquisição das vogais

Segundo Bonilha (2004), as vogais são relatadas como segmentos de aquisição precoce e que não apresentam a aplicação de grande número de processos como as consoantes. Entretanto, se observadas detalhadamente, revelam que estão apenas aparentemente adquiridas pelas crianças a partir do estágio inicial. Além disso, a autora constata que há um ordenamento em sua aquisição.

A aquisição dos segmentos vocálicos inicia-se pelos segmentos que compõem o triângulo básico das vogais: /a/, /i/ e /u/. A primeira a ser adquirida é a vogal baixa, em seguida as vogais altas, ou seja, as vogais que apresentam um maior distanciamento no grau de abertura. Logo após ocorre a aquisição das vogais médio-altas posterior e anterior e, por último, as vogais médio-baixas posterior e anterior.

	/a/	/e/	/ɛ/	/i/	/o/	/ɔ/	/u/
1:0							
1:1							
1:2							
1:3							
1:4							
1:5							
1:6							
1:7							
1:8							
1:9							
1:10							
1:11							

Quadro n.3 – Ordenamento na aquisição do sistema vocálico do Português
(BONILHA, 2004, p. 66)

Nesse quadro, é possível visualizar o ordenamento da aquisição das vogais. observamos que com 1 ano e sete meses a criança já adquiriu o sistema vocálico do português.

4.2.1 Estratégias de reparo

Dentre as estratégias de reparo, está a substituição dos segmentos que as crianças ainda não conhecem por segmentos que já tenha adquirido.

Vogais	[a]	[e]	[ɛ]	[i]	[o]	[ɔ]	[u]
/a/							
/e/							
/ɛ/							
/i/							
/o/							
/ɔ/							
/u/							

Quadro n.4 – Estratégias de reparo preferencialmente aplicadas (BONILHA, 2004, p.70)

Esse quadro mostra as estratégias de reparo mais frequentes, observamos que, para a realização da vogal médio-baixa anterior ocorre a substituição apenas pela vogal médio-alta, já no caso da médio-baixa posterior a substituição ocorre pelas vogais alta e médio-alta posterior e também pela vogal baixa central.

4.2.2 Fatores favoráveis à produção

Há determinados contextos fonológicos que podem favorecer a produção das vogais, conforme mostra o quadro abaixo:

Vogais	/a/	/e/	/i/	/o/	/u/
Tônica					
Postônica					
Feminino					
Contexto seguinte /u/					
Contexto seguinte zero					
Contexto precedente zero					
Vogal precedente /i/					

Quadro n.5 – Estratégias de reparo preferencialmente aplicadas (BONILHA, 2004, p. 69)

Verificamos que, além do contexto, a tonicidade é um dos fatores que favorecem a produção das vogais médias altas e da vogal baixa.

Poderíamos associar esse fato à Hipótese da Marcação, que indica que o mais marcado pode ser mais fácil de ser adquirido. Contudo, verificamos que não foram apontados fatores favoráveis à produção das vogais médio baixas, segundo a autora, o programa utilizado para a análise dos dados (VARBRUL²⁵), não encontrou fatores favoráveis à realização das vogais médio-baixas, ainda assim, ressalta que foram melhor produzidas quando localizadas em início de palavra - contexto precedente de zero.

4.3 Aquisição dos ditongos

As crianças passam a adquirir os ditongos [ɛw] [ɛj] e [ɔj] a partir de 1:4; na faixa etária de 1:8 a 1:9 a aquisição destes ditongos já está estabilizada. Cabe ressaltar que os ditongos que apresentam as vogais médio-baixas como vogal base estabilizam-se

²⁵ Trata-se de um pacote de programas computacionais que permite o cruzamento de dados a fim de gerar resultados estatísticos utilizados, principalmente, em estudos quantitativos. Como afirma Lamprecht (2004), esse programa possibilita a observação de variáveis linguísticas e não linguísticas.

antes dos ditongos que possuem as vogais médio-altas, altas e a vogal baixa, embora as vogais médio-baixas surjam por último no sistema fonológico da criança. Contudo, a aquisição dos ditongos não está relacionada apenas à aquisição dos segmentos, mas também à aquisição da estrutura silábica – processo que não será abordado neste estudo.

Vale destacar que, entre as estratégias de reparo, a criança realiza o segmento /ε/ em lugar de /e/ como em m[ε]ia, porém o processo inverso não foi encontrado.

4.4 Aquisição das consoantes nasais

Não encontramos estudos que detalhassem a aquisição das vogais nasais do mesmo modo que Bonilha (2004), contudo, como a realização das vogais nasais está relacionada às consoantes nasais, cabe a este trabalho pontuar a aquisição das nasais. Segundo Freitas (1994), as nasais [m] e [n] são adquiridas na faixa etária de 1:6 a 1:8, já a /ɲ/ ocorre a partir de 1:7.

4.4.1 Nasal em posição de coda

Mezzomo (2004) resgata a definição de arquifonema nasal de Camara Jr. (1970), conforme vimos no cap. 3. Segundo a autora, a consoante nasal em coda é encontrada no desenvolvimento fonológico em períodos iniciais, sendo o primeiro a aparecer em coda medial e o segundo em coda final. Surgem como travamento silábico em 1:4, e em ambas as posições da palavra (ex: *trem* e *canta*). A aquisição ocorre primeiro em posição final, aos 1:7, e em coda medial ocorre, mais tardiamente, entre 2:2 e 2:4.

As estratégias de reparo não são marcadas por substituições, ocorrendo principalmente a não realização. Em número reduzido de casos, são encontradas outras

ocorrências, como: ditongação sem nasalização, nasalização da vogal precedente sem o elemento consonântico nasal, alongamento da vogal precedente e assimilação.

Quanto à omissão da nasal em coda, Mezzomo (2004) observa que ocorre raramente em coda final. Já em posição medial, observamos a nasalização da vogal sem a presença do elemento consonântico nasal (ex: anda [ãda]). Segundo a autora, esse tipo de produção é frequente e ocorre em todas as idades, com exceção das faixas etárias iniciais (1:4, 1:5 e 1:7). Para Mezzomo (2004), apesar de a coda ainda não ser produzida, a nasalização da vogal pode indicar um conhecimento fonológico mais refinado a respeito do elemento consonântico nasal.

Entretanto, como vimos no cap. 3, a não realização da consoante nasal em posição de coda constitui uma das produções possíveis no português, desse modo, podemos considerar que a fala da criança em *anda* [ãda] não apresentaria nenhum problema.

Capítulo 5

Nesse capítulo, será apresentada a análise dos dados. Como se trata de um estudo qualitativo, os dados de cada Informante serão analisados separadamente, contudo, muitas das ocorrências se repetem em realizações de diferentes Informantes, desse modo, a partir do segundo Informante, recorreremos à comparação entre os resultados obtidos. Dividiremos a análise por segmentos: iniciaremos pela vogal médio-aberta anterior, pela vogal médio-aberta posterior e, finalmente, as vogais nasais.

Os dados serão organizados em quadros que apresentam as seguintes classificações: *entrevista*, referente à entrevista espontânea; *leitura*, referente à leitura de lista de palavras, frase e trecho literário; 1a. gravação e 2a. gravação. Recorreremos, também, à utilização de tabelas e gráficos apresentando os resultados percentuais dos resultados.

5.1 Vogal médio-aberta anterior

Seguem os quadros apresentando os dados referentes à realização da vogal médio-aberta anterior:

Quadro n.6: Informante 1 - Entrevista - 1ª. Gravação

(1)	certo	¹ sɛ̃to	oral semiaberta
(2)	é	¹ ɛ	oral aberta
(3)	né	¹ nɛ̃	oral semiaberta
(4)	pé	¹ pɛ̃	oral semiaberta

Quadro n.7: Informante 1 - Leitura - 1ª. Gravação

(5)	céu	¹ sew	oral fechada
(6)	chinelo	ʃi ¹ nɛ̃lo	oral semiaberta
(7)	conversa	kon ¹ vɛ̃rsa	oral semiaberta
(8)	ela	¹ ɛ̃la	oral semiaberta
(9)	mel	¹ mew	oral fechada
(10)	mulher	mu ¹ ʎɛ̃r	oral semiaberta
(11)	naquela	na ¹ cɛ̃la	oral semiaberta
(12)	sete	sɛ̃te	oral semiaberta
(13)	terno	¹ tɛ̃rno	oral semiaberta

Quadro n.8: Informante 1 - Entrevista - 2ª. Gravação

(14)	creche	¹ kɾɛ̃ʃɛ	oral semiaberta
(15)	é	ɛ	oral aberta
(16)	ela	ɛ̃la	oral aberta
(17)	essa	ɛsɐ̃	oral aberta
(18)	né	¹ nɛ̃	oral aberta
(19)	quer	cɛ̃r	oral aberta

Quadro n.9: Informante 1 - Leitura - 2ª. Gravação

(20)	céu	¹ zew	oral fechada
(21)	chinelo	ʃi ¹ nɛ̃lo	oral aberta
(22)	conversa	kon ¹ vɛ̃rsa	oral aberta
(23)	mel	¹ mew	oral fechada
(24)	terno	¹ tɛ̃rno	oral aberta
(25)	mulher	mu ¹ ʎɛ̃r	oral aberta
(26)	ela	¹ ɛ̃la	oral aberta
(27)	naquela	na ¹ cɛ̃la	oral aberta
(28)	sete	¹ sɛ̃te	oral aberta

Quadro n10: Informante 2 - Entrevista - 1ª. Gravação

(29)	é	¹ ε	oral aberta
(30)	ela	¹ ela	oral aberta
(31)	época	¹ epoca	oral aberta
(32)	inverno	ĩn ¹ verno	oral aberta

Quadro n.11: Informante 2 - Leitura - 1ª. Gravação

(33)	céu	¹ sew	oral fechada
(34)	chinelo	ʃi ¹ nelo	oral aberta
(35)	conversa	kon ¹ versa	oral aberta
(36)	ela	¹ ela	oral aberta
(37)	mel	¹ mew	oral fechada
(38)	mulher	mu ¹ ʎer	oral aberta
(39)	naquela	na ¹ cela	oral aberta
(40)	sete	¹ sete	oral aberta
(41)	terno	¹ terno	oral aberta

Quadro n12: Informante 2 - Entrevista - 2ª. Gravação

(42)	era	¹ era	oral aberta
(43)	elas	¹ elas	oral aberta
(44)	escreve	es ¹ kreve	oral aberta
(45)	serta	¹ serta	oral aberta
(46)	projeto	pro ¹ ʒeto	oral aberta

Quadro n13: Informante 2 - Leitura - 2ª. Gravação

(47)	céu	¹ sew	oral fechada
(48)	chinelo	ʃi ¹ nelo	oral aberta
(49)	conversa	kon ¹ versa	oral aberta
(50)	ela	¹ ela	oral aberta
(51)	mel	¹ mew	oral fechada
(52)	mulher	mu ¹ ʎer	oral aberta
(53)	naquela	na ¹ cela	oral aberta
(54)	sete	¹ sete	oral aberta
(55)	terno	¹ terno	oral aberta

Quadro n.14: Informante 3 - Entrevista - 1ª. Gravação

(56)	América	amɐrika	oral semiaberta
(57)	até	a'tɛ	oral aberta
(58)	é	'ɛ	oral aberta
(59)	ela	'ɛla	oral semiaberta
(60)	era	ɛra	oral aberta
(61)	idéia	i'dɛa	oral semiaberta
(62)	pega	'pɛga	oral semiaberta
(63)	certo	'sɛrto	oral aberta
(64)	verbos	'vɛrɓos	oral aberta
(65)	vieram	vi'ɛrã	oral semiaberta

Quadro n.15: Informante 3 - Leitura - 1ª. Gravação

(66)	céu	'ʒew	oral fechada
(67)	chinelo	ʃi'nelo	oral aberta
(68)	conversa	kon'versa	oral aberta
(69)	ela	'ɛla	oral semiaberta
(70)	mel	'mew	oral fechada
(71)	mulher	mu'ʎɛr	oral aberta
(72)	naquela	naçela	oral semiaberta
(73)	sete	sɛte	oral semiaberta
(74)	terno	'tɛrno	oral aberta

Quadro n.16: Informante 3 - Entrevista - 2ª. Gravação

(75)	André	ãndrɛ	oral semiaberta
(76)	certo	'sɛrto	oral aberta
(77)	congresso	kõn'grɛso	oral aberta
(78)	é	'ɛ	oral aberta
(79)	férias	'fɛrjas	oral aberta
(80)	floresta	flo'rɛʃta	oral semiaberta
(81)	perto	'pɛrto	oral aberta
(82)	serra	'sɛxa	oral aberta

Quadro n.17: Informante 3 - Leitura - 2ª. Gravação

(83)	céu	'ʒew	oral fechada
(84)	chinelo	ʃi'nelo	oral aberta
(85)	conversa	kon'versa	oral aberta
(86)	ela	'ɛla	oral semiaberta
(87)	mel	'mew	oral fechada
(88)	mulher	mu'ʎɛr	oral aberta
(89)	naquela	naçela	oral semiaberta
(90)	sete	sɛte	oral semiaberta

Quadro n.18 Informante 4 - Entrevista - 1ª. Gravação

(91)	América	a'merika	oral aberta
(92)	certo	'serto	oral aberta
(93)	é	'ε	oral aberta
(94)	ela	'ela	oral aberta
(95)	época	'epoka	oral aberta
(96)	era	'era	oral aberta
(97)	mulher	mu'λer	oral aberta
(98)	naquela	na'cela	oral aberta
(99)	processo	pro'seso	oral aberta

Quadro n.19: Informante 4 - Leitura - 1ª. Gravação

(100)	céu	'sew	oral fechada
(101)	chinelo	ʃi'nelo	oral aberta
(102)	conversa	kon'versa	oral aberta
(103)	ela	'ela	oral aberta
(104)	mel	'mew	oral fechada
(105)	mulher	mu'λer	oral aberta
(106)	terno	'terno	oral aberta
(107)	naquela	na'cela	oral aberta
(108)	sete	'setʃi	oral aberta

Quadro n.20: Informante 4 - Entrevista - 2ª. Gravação

(109)	certo	'serto	oral aberta
(110)	congresso	kõngreso	oral aberta
(111)	é	ε	oral aberta
(112)	ela	'ela	oral aberta
(113)	né	'nε	oral aberta
(114)	sério	'serjo	oral aberta

Quadro n.21: Informante 4 - Leitura - 2ª. Gravação

(115)	chinelo	ʃi'nelo	oral aberta
(116)	céu	'sew	oral fechada
(117)	mel	'mew	oral fechada
(118)	terno	'terno	oral aberta
(119)	conversa	kon'versa	oral aberta

(120)	mulher	mu'ʎɐr	oral aberta
(121)	ela	'ɛla	oral aberta
(122)	sete	'sɛtʃi	oral aberta
(123)	naquela	na'cɛla	oral aberta

A tabela abaixo apresenta porcentagem das realizações das vogais abertas de acordo com o estilo de gravação. Temos, como valor de referência para a porcentagem, o total de palavras em que deveria ocorrer a vogal aberta que aparece nas gravações:

Tabela n1. Realização da vogal médio-aberta anterior /ɛ/

Informante	Gravação	Entrevista	Leitura
Inf. 1	1	73.3%	0 %
	2	92.3%	77,8%
Inf. 2	1	100%	77,8%
	2	100%	77,8%
Inf. 3	1	39,3%	44,4%
	2	50%	55,6%
Inf. 4	1	100%	77,8%
	2	100%	77,8%

Os gráficos abaixo apontam para o percurso do nível de interferência de L1. Cada linha representa a porcentagem de **transferência**²⁶ de segmentos da L1 dos Informantes para a realização da vogal médio-aberta:

²⁶ As porcentagens apresentadas nos gráficos decorrem da subtração dos valores apresentados na tabela.

Gráfico 1. Inf. 1

Gráfico 2. Inf. 2

Gráfico 3. Inf. 3

Gráfico 4. Inf. 4

Observamos que a Informante 1 realiza a vogal anterior semiaberta em substituição à vogal anterior médio-aberta do português, segmento [ɛ]. Na palavra *certo* (1), a produção da vogal semiaberta pode ocorrer por se tratar de um contexto favorável a sua realização, pois se trata de um contexto fonológico em que ocorre o processo de alofonia da vogal médio-alta do espanhol: em contato com [r]; antes de [x]; com o ditongo [ei]; e em sílaba travada com consoante diferente de [m], [n], [s], [d] e [z], conforme apontamos no item 3.2.1. Deste modo, podemos inferir que há a transferência de um processo fonológico do espanhol para o português.

Nas palavras *né* (3) e *pé* (4) ocorre, também, a semiabertura da vogal, contudo, os segmentos não se encontram em nenhum dos contextos citados acima. Nos dois casos os segmentos antecedem uma vogal. Notamos que, ao produzir o item lexical *é*, há a ocorrência da vogal médio-aberta [ɛ] em início e meio de frases, além de isolada. Como podemos observar em trechos retirados da transcrição da 1ª gravação da informante 1:

no'pɛ'o'pɛ'ew

o'pɛzo'nɛ'aifi'cowa'sim

'ɛ'majs'o'problema'ɛ'ce'

Notamos que o falante já é capaz de produzir a vogal médio-aberta, entretanto, ainda passa por dificuldades em determinados contextos, tanto quando pronunciada isoladamente ou entre palavras, conforme pode ser observado na transcrição fonética.

Em contexto de leitura, classificado como contexto formal pelo Modelo de Ontogenia, e, portanto, mais propício a que o falante produza o som mais próximo do alvo, o resultado contraria a expectativa levantada pelo modelo, observando-se que ocorre a transferência dos segmentos [ɛ] (alofone do espanhol) e [e] para a realização da vogal médio-aberta.

Na análise da segunda gravação da Informante 1, pudemos notar que houve um progresso, pois o Informante deixa de produzir a vogal semiaberta e passa a produzir a vogal médio-aberta, tanto na entrevista, quando na leitura. Porém, cabe destacar que a Informante 1 continuou produzindo dificuldades para produzir a vogal médio-aberta nas palavras *mel* (9) e (23) e *céu* (5) e (20). A pronúncia adequada ao português é a

realização do ditongo decrescente /ɛw/: [mɛw]²⁷ e [sɛw], no entanto, o resultado foi [mew] e [sew]/ [zew] .

O Informante 2 apresenta pouca interferência da L1 na produção da vogal aberta (100% em contexto de entrevista espontânea), demonstrando ser capaz de realizar bem a abertura dessa vogal. Contudo, assim como a Informante 1, apresenta dificuldade na produção do ditongo decrescente /ɛw/.

A dificuldade do Informante 2 na produção da vogal aberta nas palavras *mel* e *céu* persiste na produção da segunda entrevista (dados 47 e 51), embora o falante já se situe em um nível avançado. Ainda que nos demais contextos haja a produção da vogal médio-aberta, não podemos afirmar que o falante tenha chegado ao fim do processo de aquisição do português. O falante ainda está em processo de aquisição, mesmo estando no país há quase um ano, e tendo terminado o curso de PFOL.

Quanto à Informante 3, encontramos dados semelhantes aos da Informante 1: a aprendiz varia entre a produção da vogal médio-aberta e semiaberta. Contudo a porcentagem de realização da vogal médio-aberta é menor que a dos outros Informantes, conforme aponta a tabela n. 1. Vale ressaltar que, durante a conversa espontânea, houve ocorrência de produções de palavras em espanhol. A Informante 3 apresentou maior interferência do vocabulário do espanhol que seus colegas.²⁸

A partir da análise dos resultados apontados no gráfico 3, notamos que a interferência da L1 está mais presente em sua produção em comparação aos demais Informantes. Contudo, houve um progresso considerável, pois o nível de interferência apresentou queda de 10%.

²⁷ Considerando que os Informantes estão em imersão na cidade de São Paulo é esperada a produção do glide na palavra ‘mel’ referente à variante paulistana.

²⁸ Verificar transcrição; anexo.

Já o Informante 4 não demonstra dificuldade para a realização da abertura das vogais apresentando em 100% das realizações a pronúncia adequada durante o Entrevista, embora fosse aluno no mesmo nível dos Informantes 1 e 3. Contudo, também produz a vogal fechada em *seu* e *meu*. A dificuldade de produzir o ditongos / ϵw / persiste na realização de todos os Informantes. Como já foi tratado no cap.3, a diferença entre as vogais abertas e fechadas do português se dá, no ponto de vista articulatorio, no grau da abertura. Na formação do ditongo decrescente / ϵw /, temos uma vogal médio-aberta, seguida por um glide, que ocupa uma posição mais alta. Podemos postular que a altura do glide dificulte a realização do abaixamento da vogal médio-alta para médio-aberta.

A partir dos resultados obtidos dos quatro Informantes, observamos o decréscimo do processo de interferência, visto que a transferência do segmento / ϵ / ou / ϵ / na produção de / ϵ / diminuiu no caso das gravações da Informante 1 e 3, conforme podemos observar nos gráfico 1 e 3. Essa queda se dá tanto em contexto de entrevista com em contexto de leitura (casual e formal). De acordo com o Modelo de Ontogenia, podemos postular que, à época da primeira gravação, essas Informantes encontravam-se na fase inicial do processo de desenvolvimento, visto que interferência e desenvolvimento ocorrem simultaneamente ²⁹, já à época da segunda entrevista, encontravam-se numa fase mais avançada do processo de desenvolvimento.

Os números apresentados nos gráficos 2 e 4 apontam que os Informantes 2 e 4 já se encontravam na fase de desenvolvimento, pois observamos que a transferência ocorre apenas em contexto de leitura – caso que será discutido após a observação dos resultados referentes às realizações da vogal médio-aberta posterior. Observamos que não houve decréscimo do nível de interferência no contexto de leitura.

²⁹ Verificar gráfico 1, 2 e 3, cap. 1.

No entanto, quando comparamos os resultados com os processos de aquisição de L1, não encontramos coincidência entre as ocorrências – salvo em relação à ordem da aquisição das vogais,

Em aquisição de português L1, é comum que crianças, durante a fase de aquisição das vogais, realizem tanto o segmento /e/ no lugar do segmento /ɛ/ quanto o segmento /ɛ/ no lugar do segmento /e/ ³⁰. Enquanto isso, os resultados apontam apenas para a realização do segmento /e/ no lugar do segmento /ɛ/. Além disso, durante a aquisição dos ditongos do PL1, é frequente a realização do ditongo /ew/ em lugar do ditongo /ew/, o que também não ocorreu nas produções analisadas acima. Vale ressaltar que ocorre o oposto, ou seja, os Informantes – todos os Informantes, em contexto de leitura – realizam o segmento /ew/ em lugar de /ew/, esse tipo de ocorrência não foi observada nos estudos acerca da aquisição de L1.

Contudo, é relevante destacar que, no caso de aquisição de L1, as crianças passam a adquirir os ditongos a partir de 1:4, antes de entrarem na fase de aquisição das vogais médio-abertas que se inicia a partir de 1:6. Obviamente, antes de iniciarem a produção das vogais médio-abertas, a produção dos ditongos se dará apenas com as vogais fechadas, mas quando a criança passa a adquirir as vogais abertas, passa a realizá-las no lugar das vogais fechadas - estejam em ditongos ou não. No entanto, isso não ocorre na aquisição de L2 estudada nesta pesquisa.

Deste modo, podemos inferir que não há total coincidência entre os fenômenos que caracterizam a aquisição de L1 e L2. Ainda assim, não podemos afirmar que esse fato aponte uma falha do pressuposto de Major (1987), pois ele aponta apenas a possibilidade de coincidência.

³⁰ Verificar quadro n. 4. Estratégia de reparo usadas preferencialmente.

5.2 Vogal médio-aberta posterior

Seguem os quadros apresentando os dados referentes à realização da vogal médio-aberta anterior:

Quadro n.22: Informante 1 - Entrevista - 1ª. Gravação

(124)	agora	a'gɔra	oral semiaberta
(125)	bola	'bɔla	oral semiaberta
(126)	fora	'fɔra	oral semiaberta
(127)	melhor	me'ɫɔr	oral semiaberta
(128)	nossa	'nɔsa	oral semiaberta
(129)	posso	'pɔso	oral semiaberta

Quadro n.23: Informante 1 - Leitura - 1ª. Gravação

(130)	nó	'nɔ	oral semiaberta
(131)	olho (verbo)	'oɫo	oral fechada
(132)	bola	'bɔla	oral semiaberta
(133)	sozinhos	sɔ'zɪɲos	oral semiaberta

Quadro n.24: Informante 1 - Entrevista - 2ª. Gravação

(134)	catapora	kata'pɔra	oral semiaberta
(135)	espanhol	espa'ɲɔw	oral aberta
(136)	fonoaudióloga	fonoawdʒi'ɔloga	oral aberta
(137)	histórias	is'tɔrjas	oral aberta
(138)	hora	'ɔrɐ	oral aberta
(139)	negócio	ne'gɔsjo	oral semiaberta
(140)	nossa	'nɔsɐ	oral aberta
(141)	só	'sɔ	oral aberta

Quadro n.25: Informante 1 - Leitura - 2ª. Gravação

(142)	bola	'bɔla	oral aberta
(143)	nó	'nɔ	oral semiaberta
(144)	olho (verbo)	'oɫo	oral fechada
(145)	sozinho	sɔ'zɪɲos	oral aberta

Quadro n.26: Informante 2 - Entrevista - 1ª. Gravação

(146)	agora	a'gɔra	aberta
(147)	espanhol	espa'ɲɔl	aberta
(148)	futebol	fute'bɔw	aberta
(149)	moro	'mɔro	semiaberta
(150)	nove	'nɔve	aberta
(151)	poli	'pɔli	aberta
(152)	portunhol	portu'ɲɔl	aberta
(153)	só	'sɔ	aberta

Quadro n.27: Informante 2 - Leitura - 1ª. Gravação

(154)	bola	'bɔa	oral aberta
(155)	nó	'no	oral fechada
(156)	olho (verbo)	'ɔʎo	oral aberta
(157)	sozinho	sɔ'zɪɲos	oral aberta

Quadro n.28: Informante 2 - Entrevista - 2ª. Gravação

(158)	agora	a'gɔra	oral aberta
(159)	volto	'vowto	oral aberta
(160)	fotos	'fɔtos	oral aberta
(161)	plataforma	plata'fɔrma	oral aberta
(162)	europa	eu'rɔpa	oral aberta
(163)	gostam	'gɔstãɲ	oral aberta

Quadro n.29: Informante 2 - Leitura - 2ª. Gravação

(164)	bola	'bɔla	oral aberta
(165)	nó	'no	oral fechada
(166)	olho (verbo)	'ɔʎo	oral aberta
(167)	sozinho	sɔ'zɪɲos	oral aberta

Quadro n.30: Informante 3 - Entrevista – 1ª. Gravação

(168)	agora	a'gɔra	oral semiaberta
(169)	espanhol	espa'nɔl	oral semiaberta
(170)	Europa	eu'rɔpa	oral semiaberta
(171)	hora	'ɔra	oral aberta
(172)	melhor	me'ħɔr	oral aberta
(173)	nossa	'nɔsa	oral semiaberta
(174)	resposta	xes'pɔsta	oral aberta

Quadro n.31: Informante 3 - Leitura - 1ª. Gravação

(175)	nó	'no	oral fechada
(176)	olho (verbo)	'ɔħo	oral semiaberta
(177)	bola	'bɔla	oral aberta
(178)	sozinho	sɔ'ziɲos	oral aberta
(179)	goles	'gɔles	oral aberta

Quadro n.32: Informante 3 - Entrevista - 2ª. Gravação

(180)	chove	'ʃɔve	oral aberta
(181)	costa	'kɔsta	oral semiaberta
(182)	Florianópolis	flɔrja'nɔpolis	oral aberta
(183)	gosto	'gɔsto	oral semiaberta
(184)	nossa	'nɔsa	oral aberta
(185)	sol	'sɔl	oral semiaberta

Quadro n.33: Informante 3 - Leitura – 2ª. Gravação

(186)	nó	'nɔ	oral semiaberta
(187)	olho (verbo)	'ɔħo	oral semiaberta
(188)	bola	'bɔla	oral aberta
(189)	sozinho	sɔ'ziɲos	oral aberta
(190)	goles	'gɔles	oral aberta

Quadro n.34: Informante 4 - Entrevista - 1ª. Gravação

(191)	agora	a'gɔra	oral aberta
(192)	laboratório	labora'tɔrjo	oral aberta
(193)	história	is'tɔrja	oral aberta
(194)	nove	'nɔve	oral aberta
(195)	drogas	'drɔgas	oral aberta
(196)	nossa	'nɔsa	oral aberta
(197)	só	sɔ	oral aberta
(198)	melhor	me'ħɔr	oral aberta

Quadro n.35: Informante 4 - Leitura - 1ª. Gravação

(200)	nó	'nɔ	oral aberta
(201)	olho (verbo)	'ɔħɔ	oral aberta
(202)	bola	'bɔla	oral aberta
(203)	sozinho	zɔ'zɪɲos	oral aberta
(204)	goles	'gɔles	oral aberta

Quadro n.36: Informante 4 - Entrevista - 2ª. Gravação

(205)	laboratório	labora'tɔrjo	oral aberta
(206)	olha	'ɔħa	oral aberta
(207)	só	'sɔ	oral aberta
(208)	agora	a'gɔra	oral aberta
(209)	Lindoia	lin'dɔja	oral aberta
(210)	perigosa	peri'gɔzas	oral aberta
(211)	melhor	me'ħɔr	oral aberta
(212)	Niterói	nite'rɔj	oral aberta

Quadro n.37: Informante 4 - Leitura - 2ª. Gravação

(213)	nó	'nɔ	vogal aberta
(214)	olho (verbo)	'ɔħɔ	vogal aberta
(215)	bola	'bɔla	vogal aberta
(216)	sozinho	sɔ'zɪɲos	vogal aberta
(217)	goles	'gɔles	vogal aberta

Assim, como no item 5.1, referente à vogal médio-aberta anterior, colocamos na tabela abaixo a porcentagem das realizações da vogal médio-aberta posterior de acordo com o estilo de gravação. Temos como valor de referência para a porcentagem o total de palavras em que deve ocorrer a vogal médio-aberta:

Tabela n.2 Realização da vogal médio-aberta posterior /ɔ/

Informante	Gravação	Entrevista	Leitura
Inf. 1	1	0%	0%
	2	66.6%	50%
Inf. 2	1	82,3%	75%
	2	83,4%	75%
Inf. 3	1	37,5%	60%
	2	50%	60%
Inf. 4	1	100%	100%
	2	100%	100%

Os gráficos abaixo apontam para o percurso do nível de interferência de L1. Cada linha representa a porcentagem de **transferência** de segmentos da L1 dos Informantes para a realização da vogal médio-aberta:

Gráfico 5. Inf. 1

Gráfico 6. Inf. 2

Gráfico 7. Inf. 3

Gráfico 8. Inf. 4

Observamos que a produção da vogal posterior semiaberta, alofone do espanhol, ocorre também em substituição à vogal médio-aberta posterior. Encontra-se uma situação muito semelhante a que ocorre com a vogal médio-aberta anterior. A Informante 1, em seu processo de aquisição, transfere alofone da L1 – vogal posterior semiaberta - para a produção da vogal médio-aberta posterior. Apenas na leitura da palavra *olho* (131) não ocorre a realização da vogal semiaberta, para a qual podemos postular duas explicações. O falante pode ter apresentado dificuldade para realizar a abertura da vogal ou houve dificuldade de compreensão, já que há duas palavras representadas graficamente por *olho*, o substantivo e a forma verbal, por mínimo do português, cuja diferença encontra-se na abertura da vogal: /^loʎo/ e /^lɔʎo/.

Encontramos o mesmo progresso nas realizações da vogal posterior, na leitura e no Entrevista, embora o falante varie entre a vogal semiaberta e a médio-aberta, percebe-se que o falante já é capaz de realizar o grau mais baixo da vogal. A partir da análise das vogais abertas, aplicando o Modelo de Ontogenia, podemos afirmar que o Informante esteja na fase de desenvolvimento, pois houve a diminuição do processo de interferência da L1. Além disso, podemos reportar-nos à aquisição do português como L1. Conforme o exposto no cap.4, sabemos que a criança nativa do português adquire

primeiramente as vogais que compõem o triângulo básico das vogais: /a/, /i/ e /u/. Logo após ocorre a aquisição das vogais médio-fechadas posterior e anterior e, por último, as vogais médio-abertas posterior e anterior, portanto, a fase de desenvolvimento

Os dados do Informante 2 apresentam resultados semelhantes: assim como vimos na análise da produção da vogal anterior, observamos que o falante também produz a abertura da vogal posterior. Contudo, nas palavras *moro* (149) *no* e *nó* (155), houve a transferência da vogal semiaberta. Na palavra *olho* (144), conforme exposto na análise dos dados do Informante 1, o problema pode não ser fonético e sim um problema de compreensão na leitura.

A dificuldade em realizar a abertura da vogal se repete na vogal posterior em *volto* (159) corroborando a hipótese levantada quanto à realização da vogal anterior de que a realização do glide³¹ após a vogal configura um fator de dificuldade para a abertura da vogal.

Já a Informante 3 encontra-se na fase de interferência, porém já há sinais de desenvolvimento, pois a falante varia entre a produção da vogal fechada, semiaberta e aberta; conforme pode ser verificado na tabela n. 2, a Informante 3 apresenta os índices mais baixos na realização das vogais abertas. Contudo, vale ressaltar que o número reduzido de dados deve-se ao grande número de produções de palavras em espanhol³². Como já dissemos anteriormente, a Informante 3 apresentou maior interferência do vocabulário do espanhol que os outros Informantes.

Observamos que, ao contrário dos Informantes 1 e 2, a Informante 3 não apresentou um progresso expressivo em seu processo de aquisição; embora estivesse há cerca de um ano no país, notamos que a interferência da L1 está mais presente em sua

³¹ Ressaltamos que estamos considerando a variante paulistana, portanto, é esperada a produção do glide.

³² Conforme os dados da transcrição em anexo.

produção. Por outro lado, o Informante 4 apresenta os melhores índices, com 100% da pronúncia adequada tanto na primeira quanto na segunda gravação.

Considerando que todos os Informantes cursaram português e se encontram em processo de imersão, como podemos, então, justificar essas diferenças? Observamos que a interferência da L1 está presente em todos os resultados, o que pode indicar em que fase se encontra o aprendiz. Contudo, se nos apoiarmos apenas na interferência da L1 não poderemos justificar e tampouco compreender como se dá o processo de aquisição de L2.

Leffa (2006), ao versar sobre transdisciplinaridade no ensino de línguas, cita que:

O primeiro obstáculo na investigação da aprendizagem da língua estrangeira é o problema da fidelidade teórica. Os pesquisadores têm uma tendência muito forte a filiar-se a um determinado grupo, adotando uma espécie de cartilha, ou catecismo, levando-os a rejeitar qualquer orientação que fuja aos preceitos dessa cartilha. [...] À medida que nenhuma teoria possui todo o conhecimento necessário para explicar a aprendizagem da língua estrangeira, a troca de informações com outras teorias torna-se um pré-requisito básico; se o Entrevista entre as teorias for inviabilizado pela rejeição mútua, o conhecimento que poderemos construir será no máximo um conhecimento fragmentado. (2006, p. 30)

Sendo assim, estabelecemos um Entrevista com a vertente de Krashen (1982). Um de seus pressupostos aponta a Hipótese do Filtro Afetivo. De acordo com o autor, há três variáveis que podem desempenhar um papel de interferência na aquisição de L2:

- (i) motivação - aprendizes com alta motivação se saem melhor na aquisição de L2;
- (ii) autoconfiança - aprendizes com autoconfiança tendem a obter melhores resultados, e
- (iii) ansiedade - a baixa ansiedade pode favorecer a aquisição de L2.

A partir dessa hipótese, podemos inferir que a baixa autoconfiança prejudica o processo de aquisição de L2 da Informante 3, pois como pôde ser observado durante as aulas de português e durante as entrevistas, a Informante 3 é muito tímida³³. Além das observações, vale destacar que a própria Informante relata que se sente constrangida diante da exposição em sala de aula. Por outro lado, o Informante 4, demonstrava muita autoconfiança, além de ter vários fatores de motivação, pois havia se mudado definitivamente para o Brasil por conta dos estudos e também por ter se casado com uma brasileira.

A partir da análise da tabela n2. verificamos que os índices apontam resultado semelhante ao da realização da vogal médio-aberta anterior. Constatamos que os Informantes 2 e 4 estão na fase de desenvolvimento devido ao baixo índice de interferência. Quanto às Informantes 1 e 3, também observamos um decréscimo na transferência, o que também demonstra que estão na fase de desenvolvimento, mas comparando com resultados dos Informantes 2 e 4, estes encontram-se em um nível mais avançado que aquelas. De acordo com o Modelo de Ontogenia, podemos postular que os Informantes 1 e 3 estão mais próximos ao fim da fase de desenvolvimento.

Constatar que a fase de desenvolvimento encontra-se na fase final não garante que os Informantes chegarão a concluir o processo de aquisição e atingir a pronúncia adequada de todos os segmentos. Estudos acerca do conceito da IL (SELINKER, 1972; CORDER, 1981) apontam a possibilidade de fossilização em um determinado estágio de IL. Sendo assim, postulamos que o Informante pode sofrer a fossilização em determinados pontos da fase de desenvolvimento e até da fase de interferência.

Comparando os resultados das produções das duas vogais médio-abertas, verificamos que os índices de produções adequadas são semelhantes. Os resultados

³³ Vale destacar que a pesquisadora ministrou aulas de português língua estrangeira para todos os Informantes.

apontam ora para um índice mais elevado da produção adequada da vogal anterior, ora da posterior:

Gráfico 9. Produção adequada da vogal médio-aberta anterior e da vogal médio-aberta posterior em contexto de entrevista – resultado da 2ª. gravação

Gráfico 10. Produção adequada da vogal médio-aberta anterior e da vogal médio-aberta posterior em contexto de leitura – resultado da 2ª. gravação

Deste modo, não podemos definir se a aquisição da vogal médio-aberta posterior ocorre antes da vogal anterior, assim como ocorre na aquisição do PL1.

Outro apontamento importante refere-se à produção em contexto de leitura. Segundo Major (1987), o contexto de leitura configura-se como um contexto formal, enquanto o contexto de fala espontânea se trata de um contexto casual. De acordo com o autor, o contexto formal favorece o falante a produzir o som de forma adequada.

Entretanto, os resultados contrariam a expectativa, pois verificamos que em contexto de leitura os índices da produção esperada dos segmentos analisados são menores, com exceção da Informante 3, que foi a única que apresentou melhores índices em contexto de leitura.

Gráfico 11. Produção adequada da vogal médio-aberta anterior – resultado da 2ª. gravação.

Gráfico 12. Produção adequada da vogal médio-aberta posterior - resultado da 2ª. gravação

Acreditamos que esse fato se deve à interferência da escrita; conforme postula Akerberg (1998), o aluno letrado recorre à memória escrita da palavra durante o processo de percepção dos sons da L2, e, como tratamos de línguas próximas, que apresentam semelhanças consideráveis na escrita, é possível que o aprendiz retome palavras do espanhol ao realizar a leitura e faça referência aos sons que determinados grafemas representam na sua L1.

5.3 Vogais nasais

Seguem os quadros apresentando os dados referentes à realização das vogais nasais.³⁴

Quadro n.38: Informante 1 - Entrevista - 1ª. Gravação

(218)	ainda	aĩndɛ	nasalizada (oral nasal)
(219)	além	a'lēm	nasalizada (oral nasal)
(220)	aquecimento	acesi'mēnto	nasalizada (oral nasal)
(221)	assim	a'sīm	nasalizada (oral nasal)
(222)	caramba	ka'rāmba	nasalizada (oral nasal)
(223)	com	kow	oral
(224)	dão	dān	nasalizada (oral nasal)
(225)	doendo	'doēdo	nasalizada (oral nasal)
(226)	em	ēn	nasalizada (oral nasal)
(227)	então	ēntāw	nasalizada (oral nasal)
(228)	exatamente	ezata'mēnte	nasalizada (oral nasal)
(229)	ficam	'fikān	nasalizada (oral nasal)
(230)	ficaram	fī'karān	nasalizada (oral nasal)
(231)	grama	grāma	nasalizada (oral nasal)
(232)	inflamado	ĩnfla'mado	nasalizada (oral nasal)
(233)	ligamentos	liga'mēntos	nasalizada (oral nasal)
(234)	mãos	māws	nasalizada (oral nasal)
(235)	mim	mĩn	nasalizada (oral nasal)
(236)	não	nāw	nasalizada (oral nasal)
(237)	pouquinho	powcĩno	nasalizada (oral nasal)
(238)	quanto	'kwānto	nasalizada (oral nasal)
(239)	ruim	'xuĩn	nasalizada (oral nasal)
(240)	semana	se'māna	nasalizada (oral nasal)
(241)	sinto	'sĩnto	nasalizada (oral nasal)
(242)	também	tāmbēn	nasalizada (oral nasal)
(243)	tem	'tēn	nasalizada (oral nasal)
(244)	tinha	'tĩja	nasalizada (oral nasal)
(245)	um	ũn	nasalizada (oral nasal)

³⁴ Observações:

1º A fim de facilitar a visualização dos dados, optamos por destacar a produção das vogais em contexto desfavorável à produção das vogais orais nasais do espanhol: quando não são seguidas por consoante nasal em posição de coda e quando não estão entre duas consoantes nasais.

2º Como a vogal oral nasal recebe a mesma notação da vogal nasal, optamos por descrevê-la na quarta coluna, assim como fizemos com as vogais orais.

Quadro n. 39: Informante 1 - Leitura - 1º Gravação

(246)	andando	an'dāndo	nasalizada (oral nasal)
(247)	bastante	'bas'tānte	nasalizada (oral nasal)
(248)	branco	'brānko	nasalizada (oral nasal)
(249)	cama	'kama	nasalizada (oral nasal)
(250)	central	sēn'traw	nasalizada (oral nasal)
(251)	chão	'ʃaw	oral
(252)	chegaram	ʃe'garān	nasalizada (oral nasal)
(253)	cinco	'sīnko	nasalizada (oral nasal)
(254)	com	'kōn	nasalizada (oral nasal)
(255)	comerem	'komerēn	nasalizada (oral nasal)
(256)	contou	'kōntow	nasalizada (oral nasal)
(257)	distantes	dʒis'tāntes	nasalizada (oral nasal)
(258)	distinta	dis'tʃīnta	nasalizada (oral nasal)
(259)	em	'ēn	nasalizada (oral nasal)
(260)	entre	'ēntre	nasalizada (oral nasal)
(261)	frente	'frēnte	nasalizada (oral nasal)
(262)	linho	li'po	oral
(263)	mamão	mā'māw	nasalizada (oral nasal)
(264)	manchando	mān'ʃāndo	nasalizada (oral nasal)
(265)	melancia	melān'sia	nasalizada (oral nasal)
(266)	morgadinha	morga'dĩna	nasalizada (oral nasal)
(267)	namorando	namo'rāndo	nasalizada (oral nasal)
(268)	ninguém	nīn'gēm	nasalizada (oral nasal)
(269)	ontem	'ōntēm	nasalizada (oral nasal)
(270)	pão	'pāw	nasalizada (oral nasal)
(271)	purificação	purifika'sāw	nasalizada (oral nasal)
(272)	quando	'kuāndo	nasalizada (oral nasal)
(273)	sanduíche	sān'duifēs	nasalizada (oral nasal)
(274)	sem	'sēn	nasalizada (oral nasal)
(275)	sempre	'sēmpre	nasalizada (oral nasal)
(276)	surpreendeu	surprēn'dew	nasalizada (oral nasal)
(277)	tão	'tāw	nasalizada (oral nasal)
(278)	tinham	'tīpān	não nasalizada/ (oral) nasalizada (oral nasal)
(279)	turbante	tur'bānte	nasalizada (oral nasal)
(280)	um	'ūm	nasalizada (oral nasal)
(281)	unha	'uṇa	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.40: Informante 1 - Entrevista - 2ª. Gravação

(282)	acompanhamento	akõmpa'jamẽnto	nasalizadas (orais nasais)
(283)	anos	'ãnos	nasalizada (oral nasal)
(284)	aprendendo	aprẽn'dẽndo	nasalizada (oral nasal)
(285)	bronca	'brõnka	nasalizada (oral nasal)
(286)	confusão	kõnfu'zãw	nasalizada (oral nasal)
(287)	contar	'kõntar	nasalizada (oral nasal)
(288)	contrario	kõn'trarjo	nasalizada (oral nasal)
(289)	dão	'dãn	nasalizada (oral nasal)
(290)	deixam	'dejfã	nasalizada (oral nasal)
(291)	direitinho	dʒɪrej'tʃɪno	não nasalizada (oral)
(293)	documentos	doku'mẽntos	nasalizada (oral nasal)
(294)	em	'ẽn	nasalizada (oral nasal)
(295)	ensino	ẽn'sino	nasalizada (oral nasal)
(296)	então	ẽn'tãw	nasalizada (oral nasal)
(297)	então	en'tãw	nasalizada (oral nasal)
(298)	espanhol	espa'ɲow	não nasalizada (oral)
(299)	exemplo	e'zẽmplo	nasalizada (oral nasal)
(301)	falam	'falã	nasalizada (oral nasal)
(302)	Francês	frãn'ses	nasalizada (oral nasal)
(303)	importância	ĩmpor'tãsja	nasalizada (oral nasal)
(304)	importante	ĩnpor'tãte	nasalizada (oral nasal)
(305)	inglês	ĩngles	nasalizada (oral nasal)
(306)	inscrições	ĩnscri'sõjs	nasalizada (oral nasal)
(307)	inventam	ĩvẽtam	nasalizada (oral nasal)
(308)	língua	'lĩngwa	nasalizada (oral nasal)
(309)	mãe	'mãj	nasalizada (oral nasal)
(310)	mim	'mĩn	nasalizada (oral nasal)
(311)	não	'nãw	nasalizada (oral nasal)
(312)	quando	'kwãndo	nasalizada (oral nasal)
(313)	romance	xo'mãnsi	nasalizada (oral nasal)
(314)	sendo	'sẽndo	nasalizada (oral nasal)
(315)	também	tam'bẽn	nasalizada (oral nasal)
(316)	tentaram	tẽn'tarãn	nasalizada (oral nasal)
(317)	tento	'tẽnto	nasalizada (oral nasal)
(318)	vamos	'vãmos	nasalizada (oral nasal)
(319)	voltaram	vol'tarãn	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.41: Informante 1 - Leitura - 2ª. Gravação

(320)	andando	an'dãndo	nasalizada (oral nasal)
(321)	bastante	bas'tãnte	nasalizada (oral nasal)
(322)	branco	'brãko	nasalizada (oral nasal)
(323)	cama	'kãma	nasalizada (oral nasal)
(324)	central	sẽn'traw	nasalizada (oral nasal)
(325)	chão	'ʃaw	não nasal
(326)	chegaram	ʃe'garãm	nasalizada (oral nasal)
(327)	cinco	'sĩko	nasalizada (oral nasal)
(328)	com	'kõm	nasalizada (oral nasal)
(329)	comerem	ko'merẽn	nasalizada (oral nasal)
(330)	contou	'kõntow	nasalizada (oral nasal)
(331)	distantes	dʒis'tãntes	nasalizada (oral nasal)
(332)	distinta	dis'tĩnta	nasalizada (oral nasal)
(333)	em	'ẽn	nasalizada (oral nasal)
(334)	em	'ěj	nasalizada (ditongo nasal)
(335)	entre	'ẽntre	nasalizada (oral nasal)
(336)	frente	'frẽnte	nasalizada (oral nasal)
(337)	linho	'lĩno	nasalizada (oral nasal)
(338)	mamão	mã'mãw	nasalizada (nasal)
(339)	manchando	mãn'ʃado	nasalizada (oral nasal)
(340)	melancia	melãn'sia	nasalizada (oral nasal)
(341)	Morgadinha	morga'dĩna	nasalizada (oral nasal)
(342)	namorando	namo'rãndo	nasalizada (oral nasal)
(343)	ninguém	nĩn'gěj	nasalizada (ditongo nasal)
(344)	ontem	'õntẽm	nasalizada (oral nasal)
(345)	pão	'pãw	nasalizada (oral nasal)
(346)	purificação	purifika'sãw	nasalizada (oral nasal)
(347)	quando	'kuãndo	nasalizada (oral nasal)
(348)	sanduche	sãn'duiʃes	nasalizada (oral nasal)
(349)	sem	'sẽn	nasalizada (oral nasal)
(350)	sempre	'sẽmpre	nasalizada (oral nasal)
(351)	sozinho	sọ'zĩnos	nasalizada (oral nasal)
(352)	surpreendeu	sur'prẽndew	nasalizada (oral nasal)
(353)	tão	'tãw	nasalizada (oral nasal)
(354)	tinham	'tĩnãm	nasalizada (oral nasal)
(355)	turbante	tur'bãnte	nasalizada (oral nasal)
(356)	um	ũm	nasalizada (oral nasal)
(357)	unha	'uņa	não nasalizada (oral)

Quadro n.42: Informante 2 - Entrevista - 1ª. Gravação

(358)	assim	a'sĩm	nasalizada (oral nasal)
(359)	avansado	avãn'sado	nasalizada (oral nasal)
(360)	bem	bẽn	nasalizada (oral nasal)
(361)	colombianos	kolõbi'anos	nasalizada (oral nasal)
(362)	com	kõn	nasalizada (oral nasal)
(363)	conhecia	kõne'fja	não nasalizada (oral)
(364)	conheço	ko'neso	não nasalizada (oral)
(365)	cursinho	kur'sĩño	nasalizada (oral nasal)
(366)	dezembro	de'zẽmbro	nasalizada (oral nasal)
(367)	em	'ẽn	nasalizada (oral nasal)
(368)	enfocado	ẽnfo'kado	nasalizada (oral nasal)
(369)	ensinar	ẽsi'nar	nasalizada (oral nasal)
(370)	então	'ẽntāw	nasalizada (oral nasal)
(371)	entendeu	eñteñ'dew	nasalizadas (orais nasais)
(372)	falam	'falān	nasalizada (oral nasal)
(373)	falantes	fa'lañtes	nasalizada (oral nasal)
(374)	ficam	'fikān	nasalizada (oral nasal)
(375)	gente	'zẽnte	nasalizada (oral nasal)
(376)	inverno	ĩn'verno	nasalizada (oral nasal)
(377)	línguas	'lĩgwas	nasalizada (oral nasal)
(378)	magrinho	ma'grĩño	nasalizada (oral nasal)
(379)	morando	mo'rāndo	nasalizada (oral nasal)
(380)	muita	'mujta	não nasalizada (oral)
(381)	muito	'mujto	não nasalizada (oral)
(382)	mundo	'mũndo	nasalizada (oral nasal)
(383)	não	'nāw	nasalizada (oral nasal)
(384)	onde	'õnde	nasalizada (oral nasal)
(385)	onze	õnzi	nasalizada (oral nasal)
(386)	peruanos	pe'ru'ānos	nasalizada (oral nasal)
(387)	praticamente	pratfika'meñte	nasalizada (oral nasal)
(388)	praticamos	pratikāmos	nasalizada (oral nasal)
(389)	quando	'kwāndo	nasalizada (oral nasal)
(390)	região	xezi'āw	nasalizada (oral nasal)
(391)	são	'sāw	nasalizada (oral nasal)
(392)	sempre	'sẽmpre	nasalizada (oral nasal)
(393)	também	tām'bẽm	nasalizada (oral nasal)
(394)	tem	'tẽm	nasalizada (oral nasal)
(395)	tenho	tẽ'jno	nasalizada (oral nasal)
(396)	tentou	tẽnto	nasalizada (oral nasal)

(397)	um	'ũm	nasalizada (oral nasal)
(398)	vem	'vēm	nasalizada (oral nasal)
(399)	verão	ve'rāw	nasalizada (oral nasal)
(400)	vim	'vīm	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.43: Informante 2 - Leitura - 1ª. Gravação

(401)	andando	ãn'dāndo	nasalizadas (orais nasais)
(402)	bastante	'bas'tānte	nasalizada (oral nasal)
(403)	branco	'brānko	nasalizada (oral nasal)
(404)	cama	kāma	nasalizada (oral nasal)
(405)	central	sēn'traw	nasalizada (oral nasal)
(406)	chão	'fāw	nasalizada (oral nasal)
(407)	chegaram	ʃe'garān	nasalizada (oral nasal)
(408)	cinco	'sīnko	nasalizada (oral nasal)
(409)	com	'kōn	nasalizada (oral nasal)
(410)	comerem	'komerēn	nasalizada (oral nasal)
(411)	contou	kōn'tow	nasalizada (oral nasal)
(412)	distantes	dʒis'tāntes	nasalizada (oral nasal)
(413)	distinta	dis'tfīnta	nasalizada (oral nasal)
(414)	em	'ēn	nasalizada (oral nasal)
(415)	entre	'ēntre	nasalizada (oral nasal)
(416)	frente	'frēnte	nasalizada (oral nasal)
(417)	linho	'līno	não nasalizada (oral)
(418)	mamão	mā'māw	nasalizadas – (orais nasais)
(419)	manchando	mān'fāndo	nasalizadas (orais nasais)
(420)	melancia	melān'sia	nasalizada – oral-nasal
(421)	Morgadinha	morga'dīna	nasalizada (oral nasal)
(422)	namorando	namo'rāndo	nasalizada – oral-nasal
(423)	ninguém	nīn'gēm	nasalizada – oral-nasal
(424)	ontem	'ōntēm	nasalizadas – orais-nasais
(425)	pão	'pāw	nasalizada – oral-nasal
(426)	purificação	purifika'sāw	nasalizada (oral nasal)
(427)	quando	'kwāndo	nasalizada – oral-nasal
(428)	sanduíche	sān'duifēs	nasalizada (oral nasal)
(429)	sem	'sēn	nasalizada (oral nasal)
(430)	sempre	'sēmpre	nasalizada (oral nasal)
(431)	surpreendeu	surprēn'dew	nasalizada (oral nasal)
(432)	tão	'tāw	nasalizada (oral nasal)
(433)	tinham	'tfijnān	nasalizada (oral nasal)
(434)	turbante	tur'bānte	nasalizada (oral nasal)
(435)	um	'ũm	nasalizada (oral nasal)
(436)	unha	'uņa	não nasalizada (oral)

Quadro n. 44:: Informante 2 - Entrevista - 2ª. Gravação

(437)	anterior	ãnteri'or	nasalizada (oral nasal)
(438)	assim	a'sĩn	nasalizada (oral nasal)
(439)	Colômbia	ko'lômbia	nasalizada (oral nasal)
(440)	componentes	kômpo'nêntes	nasalizada (oral nasal)
(441)	comunicam	komu'nicân	nasalizada (oral nasal)
(442)	consigo	kôn'sigo	nasalizada (oral nasal)
(443)	criaram	kri'arân	nasalizada (oral nasal)
(444)	desenvolvimentos	dezênvowvi'mênto	nasalizada (oral nasal)
(445)	dezembro	de'zêmbro	nasalizada (oral nasal)
(446)	então	ên'tāw	nasalizada (oral nasal)
(447)	especificamente	espesifika'mênte	nasalizada (oral nasal)
(448)	exemplo	e'zêmplo	nasalizada (oral nasal)
(449)	gente	'zênte	nasalizada (oral nasal)
(450)	gostam	'gostân	nasalizada (oral nasal)
(451)	integrar	ĩnte'grar	nasalizada (oral nasal)
(452)	interagir	ĩntera'zir	nasalizada (oral nasal)
(453)	linguagem	lĩn'gažēm	nasalizada (oral nasal)
(454)	monte	'môntʃi	nasalizada (oral nasal)
(455)	não	'nāw	nasalizada (oral nasal)
(456)	peruanos	perw'ānos	nasalizada (oral nasal)
(457)	principais	přinci'pajs	nasalizada (oral nasal)
(458)	quantos	'kwāntos	nasalizada (oral nasal)
(459)	querem	'cerên	nasalizada (oral nasal)
(460)	quinze	'cĩnze	nasalizada (oral nasal)
(461)	rapidinho	xapi'dʃĩno	nasalizada – oral nasal
(462)	relação	xela'sāw	nasalizada – oral nasal
(463)	relacionamento	xelasio'mênto	nasalizada – oral nasal
(464)	segundo	se'gũndo	nasalizada – oral nasal
(465)	também	tām'bên	nasalizada – oral nasal
(466)	tentando	tên'tāndo	nasalizada – oral nasal
(467)	tem	'tēʃ	nasalizada – oral nasal
(468)	tenho	'tēno	nasalizada – oral nasal
(469)	tiram	'tʃirân	nasalizada – oral nasal
(470)	trabalhando	traba'ʃāndo	nasalizada – oral nasal
(471)	um	'ũm	nasalizada – oral nasal

Quadro n. 45: Informante 2 - Leitura - 2ª.Gravação

(472)	andando	ãn'dāndo	nasalizada (orais nasais)
(473)	bastante	'bas'tānte	nasalizada (oral nasal)
(474)	branco	'brānko	nasalizada (oral nasal)
(475)	cama	'kāma	nasalizada (oral nasal)
(476)	central	sēn'traw	nasalizada (oral nasal)
(477)	chão	'ʃaw	não nasalizada (oral)
(479)	chegaram	ʃe'garān	nasalizada (oral nasal)
(480)	cinco	'sīnko	nasalizada (oral nasal)
(481)	com	'kōn	nasalizada (oral nasal)
(482)	comerem	ko'merēn	nasalizada (oral nasal)
(483)	contou	'kōntow	nasalizada (oral nasal)
(484)	distantes	dʒis'tāntes	nasalizada (oral nasal)
(485)	distinta	dis'tʃīnta	nasalizada (oral nasal)
(486)	em	'ēn	nasalizada (oral nasal)
(487)	entre	'ēntre	nasalizada (oral nasal)
(488)	frente	'frēnte	nasalizada (oral nasal)
(489)	linho	lī'ŋo	não nasalizada (oral)
(490)	mamão	mā'māw	nasalizada (oral nasal)
(491)	manchando	mān'jāndo	nasalizada (oral nasal)
(492)	melancia	melān'sia	nasalizada (oral nasal)
(493)	Morgadinha	morga'dīŋa	nasalizada (oral nasal)
(494)	namorando	namo'rāndo	nasalizada (oral nasal)
(495)	ninguém	nīn'gēm	nasalizada (oral nasal)
(496)	ontem	'ōntēm	nasalizadas (orais nasais)
(497)	pão	'pāw	nasalizada (oral nasal)
(498)	purificação	purifika'sāw	nasalizada (oral nasal)
(499)	quando	'kuāndo	nasalizada (oral nasal)
(500)	sanduíche	sāndu'ijes	nasalizada (oral nasal)
(501)	sem	'sēn	nasalizada (oral nasal)
(502)	sempre	'sēmpre	nasalizada (oral nasal)
(503)	surpreendeu	surprēn'dew	nasalizada (oral nasal)
(504)	tão	'tāw	nasalizada (oral nasal)
(505)	tenham	'tīŋān	nasalizada (oral nasal)
(506)	turbante	tur'bānte	nasalizada (oral nasal)
(507)	um	'ūm	nasalizada (oral nasal)
(508)	unha	'ūŋa	nasalizada (oral nasal)
(509)	aconteceu	akōnte'sew	nasalizada (oral nasal)
(510)	com	'kōn	nasalizada (oral nasal)
(511)	cumprimentar	kōmpri'mētar	nasalizada (oral nasal)
(512)	conseguindo	kōnse'giŋdo	nasalizada (oral nasal)

Quadro n. 46 Informante 3 – Entrevista – 1º Gravação

(513)	ensina	ẽn'sina	nasalizada (oral nasal)
(514)	então	ẽn'tāw	nasalizada (oral nasal)
(515)	entendi	ẽñ'tẽndi	nasalizadas (orais nasais)
(516)	espanhol	espa'ɲoɫ	não nasalizada (oral)
(517)	estranha	es'trãɲe	nasalizada (oral nasal)
(518)	falam	'falām	nasalizada (oral nasal)
(519)	fazendo	fa'zeñdo	nasalizada (oral nasal)
(520)	inglês	ĩn'gles	nasalizada (oral nasal)
(521)	intervenção	ĩntervẽn'sāw	nasalizada (oral nasal)
(522)	irmãos	ir'māos	nasalizada (oral nasal)
(523)	mim	'mĩn	nasalizada (oral nasal)
(524)	não	'nāw	nasalizada (oral nasal)
(525)	presente	pre'zẽntɪ	nasalizada (oral nasal)
(526)	semana	se'māna	nasalizada (oral nasal)
(527)	sinto	'sĩnto	nasalizada (oral nasal)
(528)	também	tāmbẽm	nasalizada (oral nasal)
(529)	tem	'tẽm	nasalizada (oral nasal)
(530)	tempo	'tẽmpo	nasalizada (oral nasal)
(531)	tinha	'tĩɲa	nasalizada (oral nasal)
(532)	tranquilo	'trãñkwilo	nasalizada (oral nasal)
(533)	usando	u'zāndo	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.47 Informante 3 – Leitura – 1º Gravação

(534)	andando	ãn'dāndo	nasalizada (oral nasal)
(535)	bastante	'bas'tānte	nasalizada (oral nasal)
(536)	branco	'brãñko	nasalizada (oral nasal)
(537)	cama	'kāma	nasalizada (oral nasal)
(538)	central	sẽn'traw	nasalizada (oral nasal)
(539)	chão	'ɲaw	oral
(540)	chegaram	ʃe'garãn	nasalizada (oral nasal)
(541)	cinco	'sĩñko	nasalizada (oral nasal)
(542)	com	'kõn	nasalizada (oral nasal)
(543)	comerem	ko'merẽn	nasalizada (oral nasal)
(544)	contou	kõn'tow	nasalizada (oral nasal)
(545)	distantes	d3is'tāntes	nasalizada (oral nasal)
(546)	distinta	dis'tĩnta	nasalizada (oral nasal)
(547)	em	'ẽn	nasalizada (oral nasal)

(548)	entre	'ẽntre	nasalizada (oral nasal)
(549)	frente	'frẽnte	nasalizada (oral nasal)
(550)	linho	li'ɲo	oral
(551)	mamão	mã'māw	nasalizada (oral nasal)
(552)	manchando	mãn'fãndo	nasalizada (oral nasal)
(553)	melancia	melãn'sia	nasalizada (oral nasal)
(554)	Morgadinha	morga'dĩɲa	nasalizada (oral nasal)
(555)	namorando	namo'rãndo	nasalizada (oral nasal)
(556)	ninguém	nĩn'gẽm	nasalizadas (orais nasais)
(557)	ontem	'õntẽm	nasalizadas (orais nasais)
(558)	pão	'pāw	nasalizada (oral nasal)
(559)	purificação	purifika'sāw	nasalizada (oral nasal)
(560)	quando	'kuāndo	nasalizada (oral nasal)
(561)	sanduche	sandu'ijes	nasalizada (oral nasal)
(562)	sem	'sẽn	nasalizada (oral nasal)
(563)	sempre	'sẽmpre	nasalizada (oral nasal)
(564)	surpreendeu	surprẽn'dew	nasalizada (oral nasal)
(565)	tão	'tāw	nasalizada (oral nasal)
(566)	tinham	'tĩɲãn	nasalizada (oral nasal)
(567)	turbante	tur'bãnte	nasalizada (oral nasal)
(568)	um	'ũm	nasalizada (oral nasal)
(569)	unha	'ũɲa	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.48: Informante 3 - Entrevista - 2ª. Gravação

(570)	André	ãn'drẽ	nasalizada (oral nasal)
(571)	bem	'bẽm	nasalizada (oral nasal)
(572)	centro	'sẽntro	nasalizada (oral nasal)
(573)	cinco	'sĩnko	nasalizada (oral nasal)
(574)	congresso	kõn'greso	nasalizada (oral nasal)
(575)	conheci	kõpe'si	nasalizada (oral nasal)
(576)	consigo	kõnsigo	nasalizada (oral nasal)
(577)	então	ẽn'tāw	nasalizada (oral nasal)
(578)	entendi	ẽntẽn'di	nasalizadas (orais nasais)
(579)	exemplo	e'zẽmplo	nasalizada (oral nasal)
(580)	lembrei	lẽm'brej	nasalizada (oral nasal)
(581)	lindo	'lũm	nasalizada (oral nasal)
(582)	lindo	'lĩndo	nasalizada (oral nasal)
(583)	muita	'mũjta	nasalizada (oral nasal)
(584)	muita	'mũjto	nasalizada (oral nasal)

(585)	não	^l nāw	nasalizada (oral nasal)
(586)	poluição	poluj ^l sāw	nasalizada (oral nasal)
(587)	quente	^l cēnte	nasalizada (oral nasal)
(588)	santo	^l sānto	nasalizada (oral nasal)
(589)	sinto	^l sīnto	nasalizada (oral nasal)
(590)	também	tām ^l bēm	nasalizada (oral nasal)
(591)	tão	^l tāw	nasalizada (oral nasal)
(592)	tem	^l tēm	nasalizada (oral nasal)
(593)	tempo	^l tēmpo	nasalizada (oral nasal)
(594)	tenho	^l tējo	nasalizada (oral nasal)
(595)	vinte	^l vīnte	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.49: Informante 3- Leitura - 2º Gravação

(596)	andando	ān ^l dāndo	nasalizada (oral nasal)
(597)	bastante	^l bas ^l tānte	nasalizada (oral nasal)
(598)	branco	^l brānko	nasalizada (oral nasal)
(600)	cama	^l kāma	nasalizada (oral nasal)
(601)	central	sēn ^l traw	nasalizada (oral nasal)
(602)	chão	^l ḡaw	oral
(603)	chegaram	ḡe ^l garān	nasalizada (oral nasal)
(604)	cinco	^l sīnko	nasalizada (oral nasal)
(605)	com	^l kōn	nasalizada (oral nasal)
(606)	comerem	ko ^l merēn	nasalizada (oral nasal)
(607)	contou	kōn ^l tow	nasalizada (oral nasal)
(608)	distantes	dʒis ^l tāntes	nasalizada (oral nasal)
(609)	distinta	dis ^l tḡinta	nasalizada (oral nasal)
(610)	em	^l ēn	nasalizada (oral nasal)
(611)	entre	^l ēntre	nasalizada (oral nasal)
(612)	frente	^l frēnte	nasalizada (oral nasal)
(613)	linho	li ^l jo	oral
(614)	mamão	mā ^l māw	nasalizada (oral nasal)
(615)	manchando	mān ^l ḡāndo	nasalizada (oral nasal)
(616)	melancia	melān ^l sia	nasalizada (oral nasal)
(617)	morgadinha	morga ^l ḡiḡa	nasalizada (oral nasal)
(618)	namorando	namo ^l rāndo	nasalizada (oral nasal)
(619)	ninguém	nīn ^l ḡēm	nasalizadas (orais nasais)
(620)	ontem	^l ōntēm	nasalizadas (orais nasais)
(621)	pão	^l pāw	nasalizada (oral nasal)

(622)	purificação	purifika'sāw	nasalizada (oral nasal)
(623)	quando	'kuāndo	nasalizada (oral nasal)
(624)	sanduche	sandu'iʃes	nasalizada (oral nasal)
(625)	sem	'sēn	nasalizada (oral nasal)
(626)	sempre	'sēmpre	nasalizada (oral nasal)
(627)	surpreendeu	surprēn'dew	nasalizada (oral nasal)
(628)	tão	tān	nasalizada (oral nasal)
(629)	tenham	'tĩjñān	nasalizada (oral nasal)
(630)	turbante	tur'bānte	nasalizada (oral nasal)
(631)	um	'ūm	nasalizada (oral nasal)
(632)	unha	'ūja	nasalizada (oral nasal)

Quadro n. 50: Informante 4 – Entrevista – 1º Gravação

(633)	aconteceu	akōte'sew	nasalizada (oral nasal)
(634)	ainda	a'ida	nasalizada (oral nasal)
(635)	ano	'āno	nasalizada (oral nasal)
(636)	antes	'āntes	nasalizada (oral nasal)
(637)	banheiro	bā'nejro	nasalizada (oral nasal)
(638)	bem	'bēn	nasalizada (oral nasal)
(639)	bom	'bōm	nasalizada (oral nasal)
(640)	branco	'brānko	nasalizada (oral nasal)
(641)	congresso	kōn'greso	nasalizada (oral nasal)
(642)	conheci	kōnesi	nasalizada (oral nasal)
(643)	contato	'kōntato	nasalizada (oral nasal)
(644)	continuamos	kōntʃi'nwāmos	nasalizada (oral nasal)
(645)	desenvolvimento	dezēvowvi'mēnto	nasalizada (oral nasal)
(646)	dinheiro	dʒĩ'nejro	nasalizada (oral nasal)
(647)	distancia	dʃis'tānsia	nasalizada (oral nasal)
(648)	então	ēntāw	nasalizada (oral nasal)
(649)	então	ĩntāw	nasalizada (oral nasal)
(650)	estando	estāndo	nasalizada (oral nasal)
(651)	impedimento	ĩpedimēto	nasalizada (oral nasal)
(652)	importa	ĩporta	nasalizada (oral nasal)
(653)	mensagem	mēnsazēn	nasalizada (oral nasal)
(654)	minha	'mĩja	nasalizada (oral nasal)
(655)	muito	'muĩto	nasalizada (oral nasal)
(656)	não	'nāw	nasalizada (oral nasal)
(657)	organização	organiza'sāw	nasalizada (oral nasal)
(658)	participação	parti'sipān	nasalizada (oral nasal)

(659)	pensei	pēn'sej	nasalizada (oral nasal)
(660)	Santiago	sātʃi'ago	nasalizada (oral nasal)
(661)	são	'sāw	nasalizada (oral nasal)
(662)	sempre	'sēmpre	nasalizada (oral nasal)
(663)	sim	'sĩ	nasalizada (oral nasal)
(664)	superstições	supersti'sões	nasalizada (oral nasal)
(665)	também	tām'bēm	nasalizada (oral nasal)
(666)	tanto	'tānto	nasalizada (oral nasal)
(667)	tempo	'tēmpo	nasalizada (oral nasal)
(668)	tenho	'tē'jo	nasalizada (oral nasal)
(669)	tinha	'tʃĩna	nasalizada (oral nasal)
(670)	vim	'vĩm	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.51: Informante 4- Leitura - 1º Gravação

(671)	andando	an'dāndo	nasalizada (oral nasal)
(672)	branco	'brānko	nasalizada (oral nasal)
(673)	cama	'kāma	nasalizada (oral nasal)
(674)	central	sēn'traw	nasalizada (oral nasal)
(675)	chão	'zaw	não nasal
(676)	chegaram	ʃe'garāw	nasalizada (oral nasal)
(677)	cinco	'sĩnko	nasalizada (oral nasal)
(678)	com	'kōn	nasalizada (oral nasal)
(679)	comerem	'ko'merēn	nasalizada (oral nasal)
(680)	distantes	dʒis'tāntes	nasalizada (oral nasal)
(681)	distinta	dis'tʃĩnta	nasalizada (oral nasal)
(683)	em	'ēn	nasalizada (oral nasal)
(684)	linho	'lijo	nasalizada (oral nasal)
(685)	mamão	mā'māw	nasalizada (oral nasal)
(686)	melancia	me'lānsia	nasalizada (oral nasal)
(687)	Morgadinha	morgadʒĩna	nasalizada (oral nasal)
(688)	namorando	namo'rāndo	nasalizada (oral nasal)
(689)	ninguém	nĩn'gēm	nasalizada (oral nasal)
(690)	ontem	'ōntēm	nasalizada (oral nasal)
(691)	pão	'pāw	nasalizada (oral nasal)
(692)	purificação	purifika'sāw	nasalizada (oral nasal)
(693)	quando	'kuāndo	nasalizada (oral nasal)
(694)	sanduche	sān'du'ifes	nasalizada (oral nasal)
(695)	sem	'sēn	nasalizada (oral nasal)

(696)	sempre	'sẽmpre	nasalizada (oral nasal)
(697)	tão	'tãw	nasalizada (oral nasal)
(698)	tenham	'tʃĩpã̃n	nasalizada (oral nasal)
(699)	turbante	tur'bãnte	nasalizada (oral nasal)
(700)	um	ũm	nasalizada (oral nasal)
(701)	unha	'ũ̃na	nasalizada (oral nasal)

Quadro n.52: Informante 4- Entrevista - 2ª. Gravação

(702)	americana	ameri'kãna	nasalizada (oral nasal)
(703)	anos	'ãnos	nasalizada (oral nasal)
(704)	bem	'bẽm	nasalizada (oral nasal)
(705)	bem	'bẽj	nasalizada (oral nasal)
(706)	bom	'bõm	nasalizada (oral nasal)
(707)	caminho	ka'mĩ̃no	nasalizada (oral nasal)
(708)	caramba	ka'rãba	nasalizada (oral nasal)
(709)	companheiro	kõmpa'nejro	nasalizada (oral nasal)
(710)	congresso	kõn'gres̃o	nasalizada (oral nasal)
(711)	conheci	kõ'nes̃i	nasalizada (oral nasal)
(712)	engarrafado	'ẽngaxafado	nasalizada (oral nasal)
(713)	então	ẽn'tãw	nasalizada (oral nasal)
(714)	então	'ĩntãw	nasalizada (oral nasal)
(715)	entra	'ẽntra	nasalizada (oral nasal)
(716)	exemplo	e'zẽmplo	nasalizada (oral nasal)
(717)	incrível	ĩ'krivew	nasalizada (oral nasal)
(718)	Lindóia	lĩn'dõja	nasalizada (oral nasal)
(719)	mãe	mãj	nasalizada (oral nasal)
(720)	muito	'mũjto	nasalizada (oral nasal)
(721)	não	'nãw	nasalizada (oral nasal)
(722)	ônibus	'õnibus	nasalizada (oral nasal)
(723)	passam	'pasã̃n	nasalizada (oral nasal)
(724)	pensar	'pẽnsar	nasalizada (oral nasal)
(725)	Pernambuco	pernãm'buku	nasalizada (oral nasal)
(726)	quarenta	kwa'rẽnta	nasalizada (oral nasal)
(727)	seguinte	se'gĩte	nasalizada (oral nasal)
(728)	sendo	'sẽndo	nasalizada (oral nasal)
(729)	sim	'sĩm	nasalizada (oral nasal)
(730)	sim	'sĩm	nasalizada (oral nasal)

(731)	também	tãm'bēm	nasalizada (oral nasal)
(732)	tem	'tēm	nasalizada (oral nasal)
(733)	tempão	tempāw	nasalizada (oral nasal)
(734)	tenho	'tēŋo	nasalizada (oral nasal)
(735)	tinha	'tĩŋa	nasalizada (oral nasal)
(736)	transito	'trāzito	nasalizada (oral nasal)
(737)	viagem	'viažēm	nasalizada (oral nasal)
(738)	vinte	'vĩte	nasalizada (oral nasal)

Quadro n. 53: Informante 4- Leitura - 2a Gravação

(739)	andando	an'dāndo	nasalizada (oral nasal)
(740)	branco	'brānko	nasalizada (oral nasal)
(741)	cama	'kāma	nasalizada (oral nasal)
(742)	central	sẽn'traw	nasalizada (oral nasal)
(743)	chão	'ʒaw	não nasal
(744)	chegaram	ʃe'garāw	nasalizada (oral nasal)
(745)	cinco	'sĩnko	nasalizada (oral nasal)
(746)	com	'kõn	nasalizada (oral nasal)
(747)	comerem	'ko'merẽn	nasalizada (oral nasal)
(748)	distantes	dʒis'tāntes	nasalizada (oral nasal)
(750)	distinta	dis'tĩnta	nasalizada (oral nasal)
(751)	em	'ẽn	nasalizada (oral nasal)
(752)	linho	'lipo	nasalizada (oral nasal)
(753)	mamão	mā'māw	nasalizada (oral nasal)
(754)	melancia	me'lānsia	nasalizada (oral nasal)
(755)	Morgadinha	morgadʒĩŋa	nasalizada (oral nasal)
(756)	namorando	namo'rāndo	nasalizada (oral nasal)
(758)	ninguém	nĩn'gēm	nasalizada (oral nasal)
(759)	ontem	'õntēm	nasalizada (oral nasal)
(760)	pão	'pāw	nasalizada (oral nasal)
(761)	purificação	purifika'sāw	nasalizada (oral nasal)
(762)	quando	'kuāndo	nasalizada (oral nasal)
(763)	sanduíche	sān'du'ijes	nasalizada (oral nasal)
(764)	sem	'sẽn	nasalizada (oral nasal)
(765)	sempre	'sẽmpre	nasalizada (oral nasal)
(766)	tão	'tāw	nasalizada (oral nasal)
(767)	tinham	'tĩŋān	nasalizada (oral nasal)
(768)	turbante	tur'bānte	nasalizada (oral nasal)
(769)	um	ũm	nasalizada (oral nasal)
(770)	unha	'ũŋa	nasalizada (oral nasal)

No quadro abaixo, temos a porcentagem das realizações das vogais nasalizadas em oposição às vogais orais, visto que não houve a produção adequada das vogais nasais em português, mas sim de orais-nasais, alofones do espanhol.

Tabela n3. Realização das vogais orais nasais

Informante	Gravação	Entrevista	Leitura
Inf. 1	1	96,5%	89,2%
	2	100%	94,8%
Inf. 2	1	95%	92,2%
	2	100%	94,8%
Inf. 3	1	92%	93,7%
	2	100%	94,8%
Inf. 4	1	100%	97,4%
	2	100%	97,4%

Gráfico 13. Produção da vogal oral nasal em contexto de entrevista

Gráfico 14. Produção da vogal oral nasal em contexto de leitura

5. 1 Vogais nasais seguidas por consoante nasal em posição de coda

Observamos a ocorrência da vogal oral nasal em 100% dos casos em que a vogal é seguida pela consoante nasal em posição de coda. Conforme vimos no cap. 3, há ocorrência dos cinco alofones do espanhol: [ĩ, ě, ã, õ, ũ] em todos os casos em que haja o contexto favorável: entre duas nasais ou quando está em posição absoluta e seguida de consoante nasal, como em *sempre* ['sẽmpre] e *mamão* [mã'mãw]

5.1.2 Realização das consoantes nasais em final de palavra

Outra diferença entre o processo de nasalização do português e do espanhol é o fato da consoante nasal ser pronunciada em espanhol. Conforme vimos no capítulo 3, a produção das consoantes nasais em posição de coda ocorre na língua espanhola em contraste ao processo de nasalidade do português, em que a consoante nasal gráfica seguindo a vogal não é pronunciada, apenas indica a nasalização da vogal. Entretanto, Ferreira Netto (2001) apresenta duas possibilidades de realizações da ressonância nasal em português: assimilação regressiva, em que a consoante nasal assume o articulador ativo do segmento que se lhe segue, [p], [t] e [k], realizando-se respectivamente como [m], [n] e [ŋ]; e a assimilação progressiva, em que a consoante nasal assume o articulador ativo do segmento que a precede, como em [põ^wtu], [pẽ^jti] e [mẽŋta]. Podemos comparar o processo de assimilação regressiva do português ao processo de assimilação regressiva do espanhol, exposto no cap. 3 (item 3.3.2.2). Contudo, consideramos aqui a variante paulistana, em que ocorre assimilação progressiva.

Observamos que em algumas das realizações, os Informantes pronunciam a nasal coronal alveolar no lugar da consoante nasal bilabial, como nas palavras *ficam* (229).

Nesses casos, podemos dizer que mais do que uma transferência de segmentos, há uma interferência da morfologia do espanhol: na língua portuguesa, os verbos regulares conjugados na terceira pessoa do plural terminam com o grafema <m>, que representa o processo de nasalidade da vogal anterior – há duas possibilidades de vogais nesse contexto morfológico: [ẽ] e [ẽ̃] – enquanto em espanhol, terminam com o grafema <n> que representa a consoante nasal coronal alveolar – *cantam* e *bebem*.

Ainda em relação à realização das consoantes nasais em posição de coda, cabe destacar os ditongos nasais do português. Em alguns casos, o ditongo nasal /ẽw/ é representado graficamente por <ão>, como *não* e *pão*, porém esse ditongo nasal também pode ser representado graficamente por <am>. Temos ainda, o ditongo /ẽj/ representado graficamente por . Analisando a grafia dessas palavras, podemos dizer que quando o ditongo está representado graficamente, como no caso da palavra *não*, que apresenta graficamente duas vogais³⁵, o falante pode ter mais facilidade para produzir o ditongo nasal /ẽw/. Quando o falante depara-se com uma palavra em que se grafa a vogal <a> seguida de <m>, tende a produzir a vogal baixa nasal seguida pela consoante nasal bilabial [ãm].

Contudo, no português há duas possibilidades de sons a serem representados graficamente como <am>: Na palavra *campo* a vogal nasal ocorre em final de sílaba, mas não em final de palavra, nesse contexto representa a vogal média central nasal. Já em final de palavra, como em *cantam* representa o ditongo nasal /ẽw/.

³⁵ Cabe ressaltar que os dados apresentam a produção de uma pessoa letrada e estamos considerando o argumento de Akerberg (2004).

O mesmo ocorre com a sequência de grafemas ; em final de palavra representa o ditongo nasal /ẽj/, como na palavra *tem*, porém quando está em início ou meio de palavra, como na palavra *tempo*, representa a vogal nasal média anterior /ẽ/. O fato de haver duas possibilidades também pode caracterizar um fator de dificuldade para o falante.

Podemos dizer que há uma interferência da escrita de L1, ou melhor, da associação entre determinados grafemas e sons, que pode ser gerada pela interferência da L1. Contudo, independente da posição que ocupe na palavra, a consoante nasal será pronunciada e provocará apenas uma leve nasalidade na vogal anterior, gerando as vogais orais-nasais.

5.2 Seguida de consoante nasal no ataque seguinte

Os resultados da tabela n.3 e dos gráficos 13 e 14 demonstram que a produção da vogal oral nasal predomina. Ainda assim, verificamos a ocorrência de vogais orais em contexto em que são esperadas as produções das vogais nasais em português, mas que não apresentam contexto favorável à produção da oral nasal em espanhol, por exemplo a palavra *cama* (ex. 249). Entretanto, conforme vimos no cap.3, palavras como *cama* e *ano* apresentam um processo de nasalidade diferente (SILVA, 1999). Segundo Cagliari (1977, apud SILVA, 1999), são levemente nasais. Sendo assim, não podemos dizer que a nasalização da vogal seguida de consoante nasal no ataque seguinte seja obrigatória. Por outro lado, observamos a ocorrência da vogal oral nasal nesse contexto: *cama* (ex. 323, 404, 475, 537, 600, 673, 741). Podemos inferir que essas produções representam que o aprendiz já percebe a nasalizada; além disso, se considerarmos o argumento de Cagliari (1977, apud SILVA, 1999), de que nesse contexto a vogal seria

apenas levemente nasalizada, podemos afirmar que a produção da vogal oral nasal já seria a pronúncia adequada.

Contudo, consideramos que nossos dados oferecem um número escasso de palavras em que a vogal esteja seguida de consoante nasal em posição de ataque, portanto, não temos como corroborar esta hipótese.

5.3.3 Ditongos Nasais

A partir da análise dos dados em que surgem os ditongos nasais, observamos que o aprendiz tenta produzir a vogal em palavras que apresentam o ditongo <ão>, por exemplo, há ocorrência de /nãw/ e /naw/. Podemos inferir que o aprendiz já tenha adquirido a capacidade de perceber o som nasal, entretanto, encontra dificuldade em produzi-lo. Conforme foi colocado no capítulo 3, uma das causas da dificuldade da produção das vogais nasais do português se deve à falta de percepção do som nasal. A tentativa da produção do som nasal em palavras como *não* e *são* pode demonstrar que o falante já consiga percebê-lo. É possível que a tentativa da produção do som nasal se deva às instruções dos professores de PFOL, que, em geral, indicam a ocorrência de sons nasais nessas palavras e ressaltam a importância da produção das nasais por possuírem valor distintivo³⁶. De qualquer forma, percebemos que os falantes têm consciência de que essas palavras possuem vogais nasais, porém o mais próximo que o falante alcança é a produção da vogal oral-nasal.

Ressalta-se que o falante não realiza nenhuma vez o alçamento da vogal baixa central que, no PB, passa a ser produzida como vogal média-baixa central ao ser nasalizada. A falta do alçamento vocálico prejudica a produção ideal das palavras em português; em alguns casos pode chegar até mesmo a prejudicar a comunicação, pois a

³⁶ Vale ressaltar que os Informantes foram alunos do Centro de Línguas da USP, onde a autora lecionou PFOL, por conta disso, conhece a estrutura dos cursos e as estratégias utilizadas em sala de aula.

diferença entre a realização de /mãj/ e /mẽj/ é muito perceptível ao falante nativo do português.

Por outro lado, houve a realização do ditongo nasal /ẽj/ na produção das palavras *em* e *tem* (exemplos n. 334 e 467) – houve alternância entre a produção do ditongo nasal e da vogal oral nasal seguida pela produção da consoante nasal coronal alveolar na realização da palavra *em*. (exemplo n.333 e 334) em contexto de leitura. Cabe ressaltar a ocorrência da consoante nasal em posição de coda, que, como vimos acima, favorece a ocorrência da vogal oral nasal. Entretanto, a ocorrência do ditongo nasal demonstra que o aprendiz apresenta fatores de desenvolvimento, pois os ditongos nasais não ocorrem em sua L1.

Quanto aos contextos de produção de fala, considerando a conversa espontânea como situação informal e a leitura como situação formal, podemos afirmar que houve poucas alterações. Contudo, ao contrário do que se esperava, o Informante 1 apresentou mais dificuldade em situação de leitura, principalmente na leitura de palavras isoladas, fato que pode ser relacionado à interferência da escrita na verbalização das palavras.

Verificamos que os Informantes apresentam índices de realizações semelhantes – todos os Informantes apresentam índice de realização da vogal oral nasal entre 92% e 100%. Destacamos a nasalização da vogal alta posterior em *muito* (ex.720) - visto que não há um ambiente favorável à sua produção em sua L1 – e do ditongo nasal em *tenho* (ex.668), no discurso do Informante 4.

Os dados da tabela n. 3 e dos gráficos 13 e 14 apontam que os quatro Informantes apresentam produções e índices muito semelhantes, ao contrário do que ocorreu com as vogais médio-abertas, em que notamos que os Informantes 2 e 4 sofrem menos interferência da L1, comparando-os às Informantes 1 e 3.

Outro dado importante é a falta de progresso entre a primeira e a segunda gravação na produção das vogais nasais, pois não houve alterações significativas. Podemos dizer que, no que se diz respeito à aquisição das vogais nasais, os falantes permaneceram na fase do pico de interferência, e deste modo o fase de desenvolvimento não progride. Podemos dizer que isso se deve, entre outros fatores, à questão da dificuldade de percepção das vogais nasais levantada por Akerberg (1998):

No caso da aprendizagem duma segunda língua, temos no princípio pouca informação armazenada sobre esta língua, e se torna mais difícil cotejar a combinação dos sons que escutamos com os escassos modelos armazenados. Por isso nos apoiamos nos conhecimentos que temos da nossa primeira língua.(1998, p.172)

Outra hipótese que pode justificar a diferença entre os resultados obtidos na análise das vogais médio-abertas e das vogais nasais reporta-se à HDM (ECKMAN, 1987). Segundo a HDM, segmentos inexistentes na L1 do aprendiz e mais marcados causam mais dificuldade. De acordo com os universais fonológicos (BYBEE, 2006) as vogais nasais são mais marcadas que as orais, portanto, adquirir as vogais nasais será mais difícil que adquirir as vogais orais.

Quanto à aquisição das vogais nasais em PL1, observamos que a realização das vogais nasais está associada à realização das consoantes nasais. Contudo, durante a fase de aquisição das consoantes nasais em posição de coda, observamos que a criança oscila entre a produção da consoante nasal e seu apagamento. Processos que não foram observados no *corpus* analisado.

Verificamos que o processo de aquisição das vogais nasais envolve questões complexas, a começar pela própria definição do processo de nasalização do português e também do espanhol, pois há diferentes conceitos acerca da nasalidade do português e do espanhol. Deste modo, consideramos necessário o desenvolvimento de mais estudos

que visem explicitar como se dá o processo de aquisição das vogais do português, não só com L2, mas também como L1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que os resultados de nossa pesquisa contribuem, por um lado, para o desenvolvimento das pesquisas na área de PFOL, e por outro, para o desenvolvimento de estratégias aplicadas nas aulas de português como L2.

A partir de nossos dados, corroboramos a hipótese de que o aprendiz parte de sua L1 ao iniciar o processo de aquisição de L2 e de que, assim como define o Modelo de Ontogenia, o início do processo de aquisição de L2 é marcado pelo alto nível de interferência de L1. Observamos que essa interferência é marcada pela transferência de segmentos da L1, no caso, a transferência das vogais semiabertas do espanhol /e/ e /o/ para a realização das vogais médio-abertas do português /ɛ/ e /ɔ/ e a transferência das vogais orais-nasais do espanhol para a realização das vogais nasais do português. Em ambos os casos, ocorrem transferências de segmentos que representam alofones na língua espanhola.

Nosso objetivo inicial era comprovar a eficácia do Modelo de Ontogenia; quanto a isso, verificamos que alguns de seus pressupostos são pertinentes, entretanto, também encontramos falhas durante sua aplicação. Pudemos comprovar que, de fato, a fase classificada como *interferência* passa por um decréscimo durante a fase de aquisição, pois nossos resultados apontam para o decréscimo contínuo da transferência de segmentos da L1 para a realização das vogais abertas.

Outro fator relevante em relação ao modelo consiste no pressuposto de que a fase de interferência e de desenvolvimento são concomitantes, pois observamos que, assim como postula Major (1987), a transferência persiste até o fim do processo de aquisição, ainda que de forma reduzida.

Contudo, podemos pontuar como falhas dois aspectos: primeiramente, o modelo não oferece subsídios suficientes para determinar o início da fase de desenvolvimento além da observação do decréscimo da interferência e da comparação com a aquisição de L1, pois, pudemos comprovar, também, que não há pouca coincidência entre os processos de aquisição de L1 e L2, por exemplo, a criança nativa, assim com nossos informantes também realizam o segmento [e] no lugar de [ɛ]. Entretanto, no caso das crianças, ocorre também o processo inverso, o que não ocorreu no processos analisados nesse estudo. Consideramos que a dificuldade em identificar a fase de desenvolvimento se deva à complexidade que caracteriza a IL, que envolve tanto regras da L1 quanto da L2, além de possuir suas próprias regras.

Em segundo lugar, há o pressuposto de que o contexto formal (leitura) de produção contribui para uma melhor produção do aprendiz; entretanto, os resultados obtidos contrariam as expectativas do modelo, pois demonstram que o falante apresenta maior interferência da L1 em contexto de leitura. Nesse caso, corroboramos a hipótese de Akerberg (2004), que ressalta a interferência da escrita da produção de L2.

Embora tenhamos comprovado que a L1 desempenha um papel predominante na fase de interferência, visto que os dados apontam para resultados semelhantes, observamos que fatores extralinguísticos também podem prejudicar o desenvolvimento do processo de aquisição.

Portanto, reportamo-nos à Hipótese do Filtro Afetivo e verificamos que os fatores *autoconfiança* e *motivação* justificam as diferenças entre os resultados obtidos de cada Informante. Deste modo, entendemos que, assim como postula Leffa (2004), é necessário reportarmos a mais de uma teoria para que seja possível analisar como se dá o processo de aquisição de uma L2, associando fatores linguísticos e extralinguísticos.

Quanto à contribuição para a elaboração da aula de PL2, acreditamos que a análise comparativa entre os sistemas fonético-fonológicos do português e do espanhol pode proporcionar aos professores de PL2 um maior conhecimento acerca das semelhanças e diferenças entre as duas línguas. Poucos estudos acerca da aquisição do português por falantes de espanhol consideram os alofones nasais e as vogais semiabertas ao realizar a análise comparativa entre os sistemas fonético-fonológicos do espanhol e do português, deste modo, é comum que tanto professores quanto alunos acreditem que não há nasalidade no espanhol e tampouco a abertura das vogais. Conhecer mais detalhadamente as características das vogais orais e nasais tanto no português quanto no espanhol pode colaborar no desenvolvimento de estratégias de ensino do professor de PL2. Além disso, acreditamos que se o professor puder passar tais informações aos alunos, como, por exemplo, explicitar como ocorre a nasalização em português, facilitará o processo de aquisição de seus alunos.

Contudo, admitimos que ainda há questões que precisam ser abordadas em relação à aquisição do sistema vocálico, principalmente no que se refere às vogais nasais, visto que não pudemos acompanhar todo o processo de aquisição do traço de nasalidade, já que nossos Informantes não chegaram a concluí-lo.

Conforme apontam os resultados obtidos, a aquisição das vogais nasais representa maior dificuldade ao falante de espanhol e, por conta disso, ocorre mais tardiamente. Deste modo, acreditamos que seja necessária maior atenção tanto dos estudiosos quanto dos professores que atuam na área de PFOL à aquisição do traço de nasalidade nas vogais e do processo de nasalização do português como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKERBERG, M. *As vogais nasais em português* – um problema de percepção. CONGRESSO INTERNACIONAL DO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA, 5, 1998, Cidade do México. *Anais*. Cidade do México: UNAM, 1998. p. 169-84.

_____. A importância da palavra escrita para a pronúncia. In: SIMÕES, A. R. M. (Orgs./Eds.) *Português para falantes de espanhol: artigos selecionados português em inglês/Portuguese for speakers Selected Articles Written in Portuguese and English*. USA/ Brasil: Campinas, SP: Pontes, 2004. p. 115-124.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas. In: _____. (Org.) *Português para estrangeiros: interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995. p 13-21.

_____. Questões de Interlíngua de Aprendizes de Português a partir ou com a Interposição do Espanhol (Língua Muito Próxima). In: SIMÕES, A. R. M. (Org./Ed.) *Português para falantes de espanhol: artigos selecionados português em inglês/Portuguese for Spanish speakers: Selected Articles Written in Portuguese and English*. USA/ Brasil: Campinas, SP: Pontes, 2004. p 175-182.

_____. Índices nacionais de desenvolvimento do ensino de português língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P.; Cunha, J. (Orgs.). *Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas*. Campinas/Brasília: Editora UNB; Pontes, 2007. p. 9-55.

AMADO, R.S.; RODRIGUES, R. A flexão do verbo no Português. In: LIMA-HERNANDES, M.C.; CHULATA, K.A. (Orgs.) *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce-It.: Pensa Multimedia, 2010. p. 45-71.

- BARALO, M. *La adquisición del español como lenguas extranjera*. 2. ed. Madrid: Arco Libros, 2004.
- BISOL, L. (Org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BONILHA, G. F. G. Sobre a aquisição das vogais. In: LAMPRECHT, R. R. (Org). *Aquisição Fonológica do Português*. Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 61-71.
- BYBEE, J. Language change and universals. In: MAIRAL, Ricardo; GIL, Juana (Eds.) *Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 179-194.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CAMARA Jr. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAMARGO, V.S. *Traços fonético-fonológicos do português para falantes do espanhol e do inglês: segmentos dificultadores para a aquisição do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CHOMSKY, N. Principles and Parameters in syntactic theory. In: HORNSTEIN, N.; LIGHFOOT, D. (Eds.) *Explanations in Linguistics*. New York: Longman, 1981.
- CORDER, S. P. The significance of learner's errors. *IRAL*, v. 5, n. 4, p.161-170, 1967.
- CRUZ, M. L. O. B. *Estágio de Interlíngua: Estudo longitudinal centrado na oralidade de sujeitos brasileiros aprendizes de espanhol*. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 2001.
- DURÃO, A.B.A.B. *Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de português*. 2. ed. Modificada. Londrina: Edue, 2004.

_____. *La interlengua*. Madrid: Arco Libros, 2007.

DUTRA, A. *Aquisição do português como língua estrangeira: fenômenos de variações no âmbito fonológico*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). – UNESP, Araraquara, 2008.

ECKMAN, F.R. Markedness and the Contrastive Analysis Hypothesis. In: IOUP, G.; WEINENBERG, S.H. (Orgs.) *Interlanguage phonology: the acquisition of a second sound system*. Cambridge: Newbury House Publishers. Series on Issues in second language research. 1987. p.55 -85.

FERNÁNDEZ, S. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsea, 1997.

FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

FREITAS, G. C. M. Sobre aquisição das plosivas e nasais. In: LAMPRECHT, R. R. (Org). *Aquisição Fonológica do Português*. Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 73- 81.

GARRIDO, J. M.; MACHUCA, M. J.; MOTA, C. Prácticas de fonética. Lengua española I. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 1998.

GRANNIER, D. M. Grandes dificuldades de comunicação devidas a falhas de pronúncia. In: SIMÕES, A. R. M. (Orgs./Eds.) *Português para falantes de espanhol: artigos selecionados português em inglês/Portugueses for Spanish speakers: Selected Articles Written in Portuguese and English*. USA/ Brasil: Campinas, SP: Pontes, 2004. P. 175-182.

HAUY, A B. Origem e formação da língua portuguesa. In: SPINA, S. (Org.) *História da Língua Portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial 2008.

- KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- LADO, R. *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.
- LAMPRECHT, R. R. (Org). *Aquisição Fonológica do Português*. Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEFFA, V. J. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: a perspectiva das Teorias da Complexidade. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.
- LOPEZ, J. M. *Historia de la lengua española I. Español Medieval*. Madrid: Arco Libros, 1999.
- MAJOR, R.C. A model for interlanguage phonology. In: IOUP, G.; WEINENBERG, S.H. (Orgs.) *Interlanguage phonology: the acquisition of a second sound system*. Cambridge: Newbury House Publishers. Series on Issues in second language research. 1987. p.101-24.
- MARTINS, M.D. *Síntesis de fonética y fonología del español para estudiantes brasileños*. São Paulo: UNIBERO/CenaUn, 2000.
- MEDEIROS, B. R.; DEMOLIN, D. Vogais nasais do português brasileiro: um estudo de IRM. *Revista da ABRALIN*, v. V, p. 131-142, 2006.
- MEZZOMO, P. Sobre aquisição da coda. In: LAMPRECHT, R. R. (Org). *Aquisição Fonológica do Português*. Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 129-164.
- PASCA, M. A. S. *Aspectos da aquisição da vogal oral /a/ em língua espanhola por estudantes de língua portuguesa: a questão da percepção*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- QUILIS, A. *Tratado de Fonología y Fonética Españolas*. Madrid: Gredos, 1999.

_____. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros, 2000.

RAMÍREZ, S. F. *Gramática Española*. 2. Los Sonidos. Madrid: Arco Libros, 1986.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. FAEP/Unicamp, 1998. P. 213-230.

SANDES, E. *Análise das dificuldades dos estudantes brasileiros de E/LE na percepção e na produção dos sons aproximantes e nasais em língua espanhola*. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL*, v. 10, p. 209-231, 1972.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

TAKAHASHI, N.T. *Textos literários no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - FFLCH-USP, São Paulo, 2008.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 3. Ed. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário aplicado aos informantes

Nome completo:				
Data de Nascimento:				
Qual a sua profissão?				
Se for estudante, qual seu curso?				
Língua materna:				
Conhece outras línguas além do português? Quais?				
Que nível de conhecimento tem nessas línguas? (incluindo a Língua Portuguesa) Utilize a classificação: básico, intermediário ou avançado				
Língua	Entende	Fala	Lê	Escreve
Na sua infância, teve contato com falantes de português?				
E com falantes de outras línguas? Quais?				
Há quanto tempo estuda português?				
Você estudou português antes de vir para o Brasil?				
Você teve ou têm aulas particulares ou em grupo?				
Você teve ou têm aula com professores nativos? Brasileiros, portugueses ou de outra nacionalidade?				
Há quanto está no Brasil?				
Qual seu nível de contato com os brasileiros?				
Mora sozinho, com amigos brasileiros, amigos falantes de sua língua materna ou falantes de outras línguas?(Quais?)				
Você considera a semelhança entre as duas línguas um fator positivo ou negativo para a aprendizagem da língua portuguesa?Explique				
Para você, quais são as maiores semelhanças e as maiores diferenças entre as línguas?				

ANEXO 2 – Lista de palavras e frases aplicadas nas gravações

1. avenida
2. melancia
3. chinelo
4. mamão
5. corpo
6. coelho
7. advogado
8. carro
9. abafar
10. central
11. céu
12. gelo
13. nó
14. seu
15. casa
16. olho
17. Zaíra
18. Andando
19. Azar
20. Mel
21. Pão
22. Namorando
23. vida
24. Chão
25. bola

1. Eu olho as pessoas na rua
2. Ela vê as moças.
3. Ele não vê as amigas.
4. Vou com os amigos.
5. Falei com eles ontem à noite.

ANEXO 3 – Trecho de texto literário aplicado nas gravações

Dona Morgadinha apenas sorriu. E estava com o mesmo sorriso quando o marido e os filhos chegaram em casa à noite, depois de comerem um cheeseburger na esquina, fazendo bastante barulho e manchando a roupa. Dona Morgadinha não contou para ninguém da visita do Marajá. Do seu terno branco, do rubi no seu turbante, da sua barba grisalha e distinta. E da conversa que tinham tido, das cinco às sete, sozinhos, entre goles de chá e mordiscadas em sanduíches de aspargo, sobre coisas distantes, sobre o linho e o mármore e a purificação dos espíritos. Naquela noite o marido de dona Morgadinha surpreendeu a mulher com o olhar perdido na frente do espelho. Ela estava tão distraída que foi para a cama sem escovar as unhas, usar o colírio e rearrumar os armários, como fazia sempre.

ANEXO 4 – Transcrição Fonética – Informante 2 – 1º Gravação

akostu'mado

'la'sim'kwādo'oĩn'verno'o'minimo'ojto'grados'nove'grados'e'o'masimo'ašim'ēmve
'rāw'grados

'ε'kwādo'vĩma'ci'abra'ziw'nobra'ziw'na'εpoka'dede'zēmbroa'sim'nāwpo'dzia'nā
wpo'dziasobrevi'ver

'nāwpo'dziasobrevi'βer

'mujto'mujtoka'lor

'sāw'sāw'da'mesmaxe'gĩaw'sāw'de'da'da'mesmasida'dʒɪ

'deare'cipa'o'aw'fonso'e'axo'zario

'εso'breatre'cipa'ew'ceria'falar'sobreatre'cipa'so'ce'elɪ

'ʒa'fallow

'la'tēm'mujta'ʒēnte

'deare'cipa

'ε'mujta'na'pɔli

'tēm'ũmagrĩno'na'pɔli

'ε

'nos'nos'amajo'rja'dospe'rwanos'ce'fikān'ai'na'uspi'os'sabados'sēmpre'vāw'aʒo'g
arfute'bol'ai'no'nosepe'uspiřen'tāwkone'ʃja'todo'tudo

ko'jeso'os'da'pɔli'tēm'owtros'etām'bēnbiolo'ʒja'aʃo

'mas'kwādo'tēm'bēm'tʃimesbrazilejrosen'tāw'a' ʒēntemis'turako'mesa'amistu'r
ar'ai

en'tāwfalān portuɲɔl

'mujto

'ε

'nas'dwas'ĩngwas

'ai'saj'ũnportu'ɲɔl

'õndees'towmo'roa'gɔra

'ew'moꝝoa'gɔra'koñ'dojsfa'lāntes'de'ce'falāwespa'ɲɔl'mesmo'sāw'tresko'lōmbiān
ose'ew de'pojs'todo'mūndobrazi'lejro

'despe'soas

'ε'des'ōnzepe'soas

'des'ōnze'aʃo'ce'vēm'unoa'gɔra

'ε'os'owtros'falāwportu'ges

'eprati'kāmos'mujto'mujtoportu'ges

'ε'komo'a'lingwaofi'siaw'daxe'publika'oportu'ges

'εestu'dej

'okur'siɲo'sete'mezes'ewestu'dej'kwatro'mezese'gido'dejʃej'ũns'dojs'mezes'tres'
mezes 'nāw'lēmbro'mujto'bem'e'volvi'axeto'mar'masxeto'mej'o'owtro'ce'oasele'r
ado'e'fispratʃika'mēnte'tudo'oavān'sado'o'noasele'rado

'ew'ew'te'ɲo'o'livro'a'ew'trose

'εu'zāmos'ũm'livro'mas

'ε

'la'naaws'tralja'tēm'um'kara'ce'cerja'aprēn'derportu'ges'e'ela' me'fallow'a'dame's
ew'livro'ew'te'ɲodiʒi'taw

ēn'tāw'ew'fis'di'o'livro'para'ela'elatēn'towēsi'nar'a'ele'e'dise'ce'ele'nāwētēn'dew

'nada'o 'livroes'ta'mujtoēnfo'kado'ape'soas'ce'falāwespa'ɲɔw

ANEXO 5 – Transcrição Ortográfica – Informante 2 – 1º Gravação

Acostumado.

Lá assim quando é o inverno o mínimo é oito grados nove grados e o máximo assim em verão é 20 *grados*.

É quando vim aqui a Brasil no Brasil na época de Dezembro assim não podia não podia sobreviver.

Não podia sobreviver

Muito muito calor.

São são da mesma região são de da da mesma cidade

De Arequipa o Alfonso e a *Rosario*.

É sobre Arequipa é eu queria falar sobre Arequipa só que ele...

Já falou.

Lá tem muita gente.

É de Arequipa.

Tem um magrinho na Poli.

É

Nós nós a maioria dos peruanos que ficam ai na USP os sábados sempre vão a jogar futebol ai no no CEPEUSP então conhecia todo/ tudo.

Conheço os da poli tem outros lá também biologia acho.

Mas quando/ tem bem times brasileiros então a gente mistura começa a misturar ai

Então é falam portunhol.

Muito.

Brigam.

É.

Nas duas línguas.

Ai sai um portunhol.

Onde estou morando agora?

É.

Ah eu moro agora com dois falantes de espa/ que falam espanhol mesmo são três colombianos e eu depois todo mundo é brasileiro.

Dez pessoas.

É uma republica?

É dez onze pessoas.

Dez onze acho que vem uno agora.

É os outros falam português.

É praticamos muito muito português.

Já é como a língua oficial da republica o português.

É estudei.

Ah lá ah é o cursinho é sete meses eu estudei quatro meses seguido deixei uns dois meses três meses não lembro muito bem e volvi a retomar mas retomei o outro que é é o acelerado e fiz praticamente tudo o avançado no acelerado.

Eu eu tenho o livro a verdade é que eu trouxe.

É usamos um livro mas...

Lá na Austrália tem um cara que queria aprender português e ela me falou ah *dame* seu livro é eu tenho digital.

Então eu fiz é di o livro para ela ela tentou ensinar a ele e disse que ele não entendeu nada é o livro está muito enfocado a pessoas que falam espanhol.